

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SALVADOR KRSNALY ROMERO AYALA

POÉTICAMENTE HABITA EL HOMBRE
LENGUAJE Y POESÍA EN EL PENSAMIENTO DE MARTIN HEIDEGGER
(POETICAMENTE HABITA O HOMEM, LINGUAGEM E POESIA NO
PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER)

CURITIBA

2018

SALVADOR KRSNALY ROMERO AYALA

POÉTICAMENTE HABITA EL HOMBRE
LENGUAJE Y POESÍA EN EL PENSAMIENTO DE MARTIN HEIDEGGER
(POETICAMENTE HABITA O HOMEM, LINGUAGEM E POESIA NO
PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER)

Dissertação apresentada ao Curso de PósGraduação em Filosofia, Área de Concentração Historia da Filosofia, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Walter Romero Menon Junior

CURITIBA

2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE
BIBLIOTECAS/UFPR-BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS
COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR
Bibliotecária: Rita de Cássia Alves de Souza – CRB9/816

Romero Ayala, Salvador Krsnaly

Poéticamente habita el hombre: lenguaje y poesía en el pensamiento de
Martin Heidegger / Salvador Krsnaly Romero Ayala. – Curitiba, 2018.
107 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia.
Orientador: Prof. Dr. Walter Romero Menon Junior.

1. Literatura e filosofia. 2. Heidegger, Martin, 1889-1976 - Crítica e
interpretação. 3. Filosofia alemã. I. Título. II. Universidade Federal do Paraná.

CDD 193



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA - PGFILOS

ATA Nº 198/2000/2018 DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM FILOSOFIA No dia dez de abril de dois mil e dezoito às 14:30 horas, na sala 603, Departamento de Filosofia UFPR sexto andar Prédio Pedro II do Setor de CIÊNCIAS HUMANAS da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos de arguição do Mestrando **SALVADOR KRSNALY ROMERO AYALA** para a Defesa Pública de sua Dissertação de Mestrado intitulada: POETICAMENTE HABITA O HOMEM, LINGUAGEM E POESIA NO PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de PósGraduação em FILOSOFIA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: Prof. Dr. WALTER ROMERO MENON JUNIOR(UFPR), Prof. Dr. MARCO ANTONIO VALENTIM(UFPR) e Prof. Dr. LIBANIO CARDOSO NETO(UNIOESTE). Dando início à sessão, a presidência passou a palavra a(o) discente, para que o mesmo expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidência passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. O aluno respondeu a cada um dos arguidores. A presidência retomou a palavra para suas considerações finais. A Banca Examinadora, então, e, após a discussão de suas avaliações, decidiu-se pela Aprovação do aluno. O Mestrando foi convidado a ingressar novamente à sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidência fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. A aprovação no rito de defesa deverá ser homologada pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais do programa. A outorga do título de Mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, WALTER ROMERO MENON JUNIOR, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

Observações: sem observações

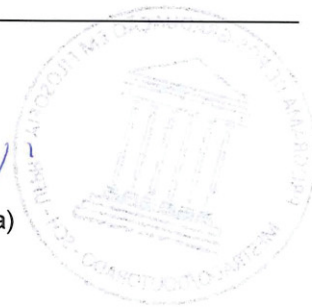
Curitiba, 10 de Abril de 2018.



Walter R. Menon Jr.
WALTER ROMERO MENON JUNIOR(UFPR)
(Orientador e Presidente da Banca Examinadora)

M. A. Valentim
MARCO ANTONIO VALENTIM(UFPR)
Membro Avaliador Interno

por Libanio Cardoso
LIBANIO CARDOSO NETO(UNIOESTE)
Membro Avaliador Externo – Participação por videoconferência




TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em FILOSOFIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **SALVADOR KRSNALY ROMERO AYALA**, intitulada: POETICAMENTE HABITA O HOMEM, LINGUAGEM E POESIA NO PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua Aprovação no rito de defesa. A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de PósGraduação. Curitiba, 10 de Abril de 2018.

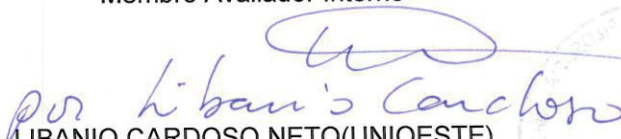
Integrantes da Banca Examinadora	Notas
WALTER ROMERO MENON JUNIOR (UFPR) Orientador e Presidente da Banca Examinadora	8,5
MARCO ANTONIO VALENTIM (UFPR) Membro Avaliador Interno	8,5
LIBANIO CARDOSO NETO (UNIOESTE) Membro Avaliador Externo – Participação por videoconferência	8,5
Média Final	8,5
Conceito	B

Os examinadores atribuem nota em escala de zero a 10 (dez), sendo considerado aprovado o mestrando que obtiver como nota final, a média aritmética superior a 7 (sete). No parecer emitido por ocasião da defesa, constará a nota e o critério: **CONCEITO**.
Os examinadores devem registrar no corpo da dissertação/tese as correções sugeridas.


WALTER ROMERO MENON JUNIOR(UFPR)
(Orientador e Presidente da Banca Examinadora)




MARCO ANTONIO VALENTIM(UFPR)
Membro Avaliador Interno


LIBANIO CARDOSO NETO(UNIOESTE)
Membro Avaliador Externo – Participação por videoconferência

§ 1º - Será considerado aprovado o aluno que lograr os conceitos A, B ou C.
A = Excelente = 9,0 a 10,0
B = Bom = 8,0 a 8,9
C = Regular = 7,0 a 7,9
D = Insuficiente = zero a 6,9

AGRADECIMIENTOS

Al Prof. Dr. Walter Romero Menon Junior, mi orientador, por su contribución generosa y dedicada. Y la respectiva banca examinadora.

Al Prof. Paulo Vieira Neto, por sus aportaciones a esta investigación en sus fructíferos comentarios en clases de seminarios de investigación I

Al Prof. Rodrigo Brandão, por sus aportaciones a esta investigación en sus fructíferos comentarios en clases de seminarios de investigación II

Al Prof. a. André Macedo Duarte, por haberme aceptado en el programa de pos graduación en filosofía de la UFPR.

A la Coordinación de perfeccionamiento de personal de Nivel Superior-CAPES, por el apoyo financiero recibido a lo largo de la investigación.

A la OEA (Organización de los estados americanos) por brindarme la beca para poder realizar mis estudios de posgrado en Brasil

A mis amigos.

A mi familia.

*El arte es una consagración y un refugio, por donde lo verdadero siempre de nuevo,
dispensa al hombre de su brillo hasta ahora oculto, de manera que, en una tal claridad pueda
ver la forma más pura y escuchar más claramente, aquello de lo que habla su esencia.*

Martin Heidegger

RESUMO

As idéias que desenvolvo na minha dissertação, estão relacionadas à centralidade que tem no pensamento de Martin Heidegger, o tema da linguagem e da poesia (já que seu pensamento é essencialmente "poetizador" e sustenta a tese de que é poeticamente "a maneira como habitamos". no mundo") Faço também, uma análise sobre a fundamentalidade desses conceitos para a formação de sua idéia que parte do princípio segundo o qual a poesia diz o sagrado e o pensamento (filosofia) diz o ser. Podemos apreciar a importância da poesia de Hölderlin e Rilke no pensamento de Heidegger, uma vez que ele próprio é concebido numa preparação para a sua escuta, como lugar para ele se tornar um poder em ação, no entanto, a contribuição para este "poder" não é uma questão de "esclarecimento", nem muito menos de uma "história literária" (como contribuição teórica para "pesquisar na poesia de Hölderlin "ou qualquer outro poeta elogiado por Heidegger, que não significa ignorá-los) ou a busca por uma" essência geral "da poesia, é na verdade algo muito mais profundo e não uma mera teorização sobre sua poesia

Palavras-chave: arte e estética, teorias da linguagem, ontologia heideggeriana, poética.

ABSTRACT

The ideas that I develop in my dissertation are related to the centrality that Martin Heidegger's thought has, language and poetry (his thought is essentially "poetizing" and supports the thesis that is poetically "that man inhabits this earth ".) I also analyze the fundamentality of these concepts for the formation of their idea based on the principle that poetry says the sacred and thought (philosophy) says being. It is never again, appreciate the importance of poetry of Hölderlin and of Rilke for Heidegger's thought, since he himself is conceiving himself in constant preparation for his listening, as a way of preparing the place for it to become a power in action, however, the contribution to this "power" is not a question of "clarification", nor is it much less a "literary history" (as a theoretical contribution to "research on Hölderlin's poetry" or any other poet exalted by Heidegger, which is not means to ignore them) or the search for a "general essence" of poetry, is actually something much deeper than a mere theorizing about his poetry.

Key words: Art and aesthetics, Theories of language, Heideggerian ontology, poetics.

RESUMEN

Las ideas que desarrollo en mi disertación, se relacionan con la centralidad que tiene en el pensamiento de Martín Heidegger, el lenguaje y la poesía (puesto que su pensamiento es esencialmente "poetizante" y sostiene la tesis de que es poéticamente "el modo cómo habitamos en el mundo".) Hago además un análisis, sobre la fundamentalidad de estos conceptos para la formación de su idea que parte del principio según el cual, la poesía dice lo sagrado y el pensamiento (la filosofía) dice el ser. Nunca está demás, apreciar la importancia que tiene la poesía de Hölderlin y la de Rilke en el pensamiento de Heidegger, puesto que él mismo se concibe en una constante preparación para su escucha, como un modo de prepararle el lugar para que se vuelva un poder en acción, sin embargo, la contribución a este "poder" no es una cuestión de "aclaración", ni se trata mucho menos de una "historia literaria" (como contribución teórica a las "investigaciones sobre la poesía de Hölderlin" o de cualquier otro poeta ensalzado por Heidegger, lo que no significa hacer caso omiso de ellas) o de la búsqueda de una "*esencia general*" de la poesía, es en realidad algo mucho más profundo y no una mera teorización sobre su poesía.

Palabras clave: Arte y estética, Teorías del lenguaje, Ontología Heideggeriana, poética.

SUMÁRIO

1	INTRODUCCIÓN.....	12
2	A CAMINO DEL LENGUAJE.....	23
2.1	EL LENGUAJE EN LA POESÍA.....	36
2.2	LA ESENCIA DEL LENGUAJE.....	44
2.3	EN EL CAMINO HACIA EL LENGUAJE.....	58
3	HEIDEGGER Y EL PENSAMIENTO POÉTICO DE RAINER MARÍA RILKE Y OTROS POETAS IMPORTANTES.....	65
4	HEIDEGGER Y HÖLDERLIN: TRAS LA ESENCIA DE LA POESÍA.....	75
4.1	POETIZAR: LA MÁS INOCENTE DE TODAS LAS OCUPACIONES.....	77
4.2	Y SE LE HA DADO AL HOMBRE EL MÁS PELIGROSO DE LOS BIENES, EL LENGUAJE... PARA QUE MUESTRE LO QUE ES.....	79
4.3	EL HOMBRE HA EXPERIMENTADO MUCHO. NOMBRADO A MUCHOS CELESTES, DESDE QUE SOMOS UN DIÁLOGO Y PODEMOS OÍR UNOS DE OTROS.....	84
4.4	PERO LO QUE QUEDA, LO INSTAURAN LOS POETAS.....	86
4.5	PLENO DE MÉRITOS, PERO ES POÉTICAMENTE COMO EL HOMBRE HABITA ESTA TIERRA.....	89
5	CONSIDERACIONES FINALES	102
	REFERENCIAS	106

1 INTRODUCCIÓN

Las ideas que desarrollo en mi disertación, están relacionadas con la centralidad que tiene en el pensamiento de Martín Heidegger, el lenguaje y la poesía, puesto que su pensamiento es esencialmente "poetizante" y sostiene la tesis de que es poéticamente "el modo cómo habitamos en el mundo". (HEIDEGGER, 1992; Pág. 139)¹. Hago además un análisis, sobre la fundamentalidad de estos conceptos para la formación de su idea que parte del principio según el cual, la poesía dice lo sagrado y el pensamiento (la filosofía) dice el ser.

Las principales y más importantes tesis del pensamiento de Heidegger sobre la poesía y el lenguaje, se encuentran en los siguientes textos: *"Unterwegs zur Sprache"* ("A camino del habla"), *"Hölderlin und das Wesen der Dichtung"* ("Hölderlin y la Esencia de la Poesía", texto del cual haré una traducción al portugués basado en una traducción en español, puesto que no encontré ninguna traducción en esa lengua), *"...Dichter mensch wohnt..."* que forma parte de la compilación de textos *"Vorträge und Aufsätze"* ("...poéticamente habita el hombre..." parte de la compilación de textos *"Ensayos y Conferencias"*), *"Brief über den Humanismus"*, ("Carta sobre el humanismo"), además del texto *"Und für welche Dichter?"* ("¿Para qué poetas?" el cual forma parte del conjunto de escritos intitulado *"Caminos de bosque"*).

¹ HEIDEGGER, Martin. **Hölderlin y la esencia de la poesía. *En Arte y Poesía***. Traducción y prólogo de Samuel Ramos, Fondo de Cultura Económica México y Fondo de Cultura Económica de Argentina SA Argentina Primera reimpresión 1992 ISBN: 950-557-124-0, en La versión en portugués, se lee: *"poéticamente o homem habita esta terra"*, Pág. 139.

En los años treinta, Heidegger dedicó buena parte de sus textos para hablar sobre la proximidad entre poesía y pensamiento, por ello, en el invierno de 1934 a 1935, imparte un curso donde habla sobre la poesía e interpreta los himnos del poeta Alemán Hölderlin titulados "*Germania*" y "*El rin*", luego en 1936 publicó el primer artículo sobre el tema titulado "*Hölderlin und das Wesen der Dichtung*" (*Hölderlin y la esencia de la poesía*). En este ensayo, considera cinco versos de Hölderlin (al cual reconoce como el "*poeta de la esencia de la poesía*") y los interpreta a su manera. Más tarde en 1946, dedica al poeta de Praga Rainer Rilke el texto "*¿Para qué poetas?*", él junto a Stefan George y Georg Trakl, son los poetas por los cuales siente más cercanía y admiración, sin llegar a la altura de Hölderlin (podemos destacar en este sentido, un carácter "etnocéntrico" en el destaque que hace de su poesía como canto alemán, puesto que pone a la nación Alemana como centro gravitacional de la poesía, cosa que tendrá fuertes repercusiones en la argumentación de mi disertación y en las lecturas posteriores que haga).

En la década de los 50, dedico a estos últimos poetas (Stefan George y Georg Trakl), dos textos reunidos en "*Unterwegs zur sprache*" ("*A camino del habla*"), publicado por primera vez en 1959. En cuanto a ellos, no debemos de valorarlos cuantitativamente como muy bien afirma Christian Dubois (DUBOIS, 2004; Pág. 177)², sino más bien entenderlos a partir de la singularidad del encuentro de su pensamiento con la poesía de Hölderlin, Rilke y otros, haciendo de ellos su guía principal.

La cuestión del arte no es para Heidegger una cuestión accesoria, puesto que cuando habla sobre este tema, hace referencia a la historia de la metafísica en sí como "historia del olvido del ser", en cuanto posibilidad esencial de la historia en la cual acontece.

² DUBOIS, Christian. **Heidegger: Introdução a uma leitura**. Traducción de Bernardo Barros Coelho de Oliveira, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, Pág. 177.

El pensamiento sobre el arte y más aún, el pensamiento sobre la poesía, van a convertirse a partir de 1934, en la fuente esencial del pensamiento de Heidegger, llevándole a hacer la afirmación, según la cual, la esencia de la poesía (en la que reside la esencia del arte) es el establecimiento de la verdad como revelación del ser del ente a partir del ser (HEIDEGGER, 1998; Pág. 85) ³.

En esta etapa de su pensamiento, el lenguaje adquiere mucha importancia para Heidegger, como bien afirma Benedito Nunes:

La vacilación de Ser y Tiempo en los temas relacionados con el lenguaje, desaparece, ya que no le piensa más como una objetivación, sino más bien, como un decir manifestante, como una revelación de la palabra misma (NUNES, 1999; Pág. 119) ⁴.

En relación al tema del encuentro de Heidegger con la poesía de Hölderlin, Christian Dubois afirma lo siguiente,

...Hölderlin se encuentra en el corazón del pensamiento Heideggeriano sobre el lenguaje, como apertura en poema de un mundo histórico que reúne a las personas (políticas), en el nombrar de los dioses y en el decir sagrado.

³ HEIDEGGER, Martin. **Caminhos de floresta**. Coordinación científica, edición y traducción de Irene Borges-Duarte, llevada a cabo como parte del proyecto "*Heidegger em português, Investigação e tradução de la obra de Martin Heidegger*", basado en el Centro de Filosofía de la Universidad de Lisboa y financiado por la Fundación para la Ciencia y Tecnología (PRAXIS / PIFIL130341 programa de 1998), edición de la Fundación Calouste Gulbenkian, 1998, en la versión en portugués, se lee: "*A questão da arte não é para Heidegger uma questão acessória, tampouco o encontro com a poesia de Hölderlin, a qual é o seu ápice orientador. Falasse nessa questão, da própria história, como história do ser, sendo uma possibilidade essencial dessa história como acontecimento histórico da verdade (do ser). A arte e, mais ainda, a poesia irão se tornar, a partir de 1934, a fonte essencial do pensamento de Heidegger, ao ponto de chegar a fazer a afirmação de que a essência da poesia (na qual se realiza a essência da arte) é a instauração da verdade como desvelamento do ente a partir do ser*", Pág. 85.

⁴ NUNES, Benedito. **Hermenêutica e poesia: o pensamento poético**. María Jose Campos (organizador); Belo Horizonte: Ed UFMG, 1999, en el texto original en portugués, se lee: "*a hesitação de Ser e Tempo sobre as questões da linguagem desaparece, já que Heidegger, não pensa na linguagem como objetivação, mas sim como um dizer manifestante, como uma revelação da própria palavra*", Pág.119.

La poesía hölderliana es para Heidegger, el lugar de intersección del lenguaje, la historia y la relación con los 'dioses' (DUBOIS, 2004; Pág. 177)⁵.

El objetivo principal de mi disertación, es analizar la relación esencial entre pensamiento poético y filosofía, a partir de la fundamentación que Heidegger encuentra en el pensamiento poético de Hölderlin, Rilke y otros poetas, partiendo principalmente de sus nociones de mundo y lenguaje. Pretendo, además examinar a profundidad el significado de la expresión "*habitar poéticamente*", a partir de la certeza de que en su pensamiento, hay una cercanía muy grande entre pensamiento (filosofía) y poesía (en sentido occidental moderno, acompañado de su respectiva crítica interna, la cual se vuelve esencial en este tipo de estudios).

Nunca está demás, destacar la importancia que tiene la poesía de Hölderlin para el pensamiento de Heidegger, puesto que él mismo se concibe en una constante preparación para su escucha, como una manera de encontrar el lugar en el que se vuelve un "poder en acción", sin embargo, la contribución a este "poder" no es una cuestión de "aclaración", ni mucho menos de una "historia literaria" (que contribuye teóricamente a las "investigaciones sobre la poesía de Hölderlin", lo que no significa hacer caso omiso de ellas) o de la búsqueda de una "*esencia general*" de la poesía, es en realidad algo mucho más que una mera teorización sobre ella.

⁵ DUBOIS, Christian. **Heidegger: Introdução a uma leitura**. Traducción de Bernardo Barros Coelho de Oliveira, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, en el texto original en portugués, se lee: "...Hölderlin está no coração do pensamento heideggeriano da língua, como abertura em poema de um mundo histórico que reúne um povo (político), na nomeação dos deuses e no dizer do sagrado. A poesia hölderliana é para Heidegger o lugar de entrecruzamento da língua, da história e da relação com os 'deuses'", Pág.177.

En el himno "*Germania*", Hölderlin habla sobre la desaparición de los "dioses" y el retorno a nuestra patria y la interpretación que Heidegger hace de este, inicia según muchos intérpretes, la actividad e interés de este por su poesía (y no solamente por la de él, sino por la de todos aquellos poetas que exaltan este "espíritu alemán" del cual es en muchas formas incapaz de escapar).

La interpretación que hace Heidegger de los himnos, "*Germania*" y "*El Rin*" da origen a la conferencia "*Hölderlin y la esencia de la poesía*", en la cual habla sobre cuál es el lugar de nacimiento de la poesía y explica las razones que le llevaron a escoger a Hölderlin como el "*poeta del ser*", cuyo trabajo conoció en su juventud. Dentro de la discusión del pensamiento poético y partiendo de esta etapa de su pensamiento, colocamos en la palestra, algo que no es "filosofía en sí", pero que sin embargo le acompaña, aconteciendo lo que Heidegger llama de *Ende* [Fin] de la filosofía, como un diálogo que trae a la luz todo aquello que puede ser considerado como "pensamiento poético" o no: deconstruyendo con ello la modernidad poética, que, según él, no ha sido superada aún. Este diálogo del pensamiento con la poesía, es lo que justificaría la idea de un "fin de la filosofía", como confrontación que se extiende a la poesía como *poesís* y como un "habitar del *Dasein*".

Heidegger hace el análisis de este "habitar poético" en su ensayo "... *poéticamente habita el hombre...*", complementando con él, la reflexión sobre el mismo hecha en "*Hölderlin y la esencia de la poesía*". Podemos afirmar con seguridad, siguiendo sus palabras, que la verdad que se revela a través de la poesía, posee un carácter histórico que se afirma en ella misma, por ello, *la poesía sería fuente de revelación de la verdad* y desempeña un papel esencial en su pensamiento, importancia que además de fundamental, es radical.

El conocimiento que se tiene sobre una obra poética, lo que le permite ser lo que es, su comprensión, en la que se deja transmitir a una comunidad, dentro de las posibilidades que ella misma otorga, es tan esencial como su creador, en este sentido, Heidegger es el guardián del poema de Hölderlin (título que él mismo se otorga), a partir de ese momento, el pensamiento poético, se vuelve crucial en su pensamiento. Un paso más adelante, va a decirnos que la verdad como un traer a la luz y desocultar del ente, acontece a través de la expresión poética, por lo tanto, toda forma artística, es en esencia, una forma de decir poético y cada “pensamiento” del hombre debería de corresponder de alguna manera con este decir poético, debido a que el pensamiento (filosofía) dice el ser y la poesía lo sagrado.

La poesía crea sus obras haciendo uso del lenguaje [*die Sprache*], a partir de una materialidad [*Stoff*] específica, sin embargo, a pesar de que hace posible el lenguaje, este no es un simple “material” que está a su servicio por ello, Heidegger afirma que no es un “juego inofensivo” que acompaña al *ser-ahí* (*Dasein*), debido a que es en sí mismo un fundamental poético. Si Heidegger afirma que el decir poético es la verdad, visto de ese modo, su pensamiento es cíclico en muchos sentidos, en vista de que afirma que *la obra de arte es creación, creación es verdad, la verdad es poesía, la poesía es... verdad.*

Es importante mencionar también, que la obra de arte como lugar en el que acontece la verdad, se desvela como poesía y es puesta en la aperturidad del poema, podemos afirmar por tanto, que toda forma artística como *dejar-acaecer* la verdad es en esencia un decir poético [*Dichtung*], en vista que los poetas evocan lo que recuperan a través de la memoria, estableciendo y fundando (des-velando) aquello que va a perdurar para siempre.

De acuerdo a la interpretación de Heidegger, Hölderlin como “poeta del ser”, no quiso otra cosa que proclamar el cumplimiento del fin de toda vida humana, es decir, su reunión final con la naturaleza, en vista de que esta comprensión heideggeriana de lo sagrado, escapa a la comprensión del ser, en la cual aparece como una cosa sin esquema para el conocimiento y que alcanza el espacio de misterio del lenguaje. Heidegger es muy contundente al afirmar que *“no somos nosotros los hombres que poseemos el lenguaje, es el lenguaje que nos posee”*, este tanto niega como revela la principal pretensión de Hölderlin (el poeta que además funda la poesía según Heidegger) la “fundación” de lo permanente.

Heidegger afirma en su conferencia *"El origen de la obra de arte"*, lo siguiente

La medida que proyecta [*Das entwerfende Sagen*] es la poesía [*Dichtung*]: el decir [*die sage*] del mundo y la tierra, el decir del espacio de juego y su combate, en ese sentido, el lugar de toda cercanía y distanciamiento respecto a los dioses. La poesía es el decir del desvelamiento de los entes (HEIDEGGER, 2017; Pág. 32)⁶.

La esencia de la poesía radicaría, por tanto, en el desvelamiento del ente a partir del ser como instauración de la verdad (en la cual radica según Heidegger, la esencia del arte) y ello es así, puesto que el habitar poético es la experiencia de nuestra finitud como seres mortales, relativa siempre a nuestra lengua, en cuanto le habitamos y es nuestro contorno ineludible.

⁶ HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. traducción de Maria da Conceição Costa, revisión de Artur Morão, Temas 70, Ltda. 2017, En la versión en portugués, se lee: “O dizer projetante [*Das entwerfende Sagen*] é poesia [*Dichtung*]: o dizer [*die sage*] do mundo e da terra, o dizer do espaço de jogo e de seu combate, e, nesse sentido, o lugar de toda proximidade e de todo distanciamiento dos deuses. A poesia é o dizer do desvelamento dos entes”, Pág. 32.

Heidegger nos coloca en el ámbito de aquello que estamos problematizando, es decir, en el camino de la palabra poética, para que a través de él, podamos escucharla no como una mera “bella construcción del lenguaje”, sino como algo que nos transforma en cuanto seres humanos y eso es lo que más debemos destacar de la reflexión que el filósofo alemán hace en torno a la poesía, rescatar el humanismo que introyecta al ser humano (*Dasein*) en el vigorar del traer a la luz la verdad oculta del ente. Las lecturas que Heidegger hace sobre Hölderlin y los demás poetas en los cuales fija su atención, tienen el objetivo de dejar que el poema actúe sobre “nosotros”, un “nosotros” histórico que “poematiza” y “problematiza” su existencia, aclarándola y situándola en el ámbito de la esencia de la poesía. En el texto de 1936, “*Hölderlin y la esencia de la poesía*”, Heidegger explica el lenguaje poético, dejando clara, la importancia de la relación entre poesía y pensamiento para la fundamentación de sus ideas.

Heidegger, nos muestra que el *Dasein* cuando trabaja y se apropia poéticamente el lenguaje, olvida el carácter previo que tenía en *Ser y Tiempo* (atrapado y limitado en el ámbito de una temporalidad en la cual se inflexiona), abriéndose con ello, nuevas posibilidades de aperturidad en el mundo y a través de este decir poético habla sobre él. A través de esta acción, el *Dasein* encuentra su espacio originario y funda un lenguaje que es capaz de hacer mención del ser (el cual es fundamentalmente histórico), pudiendo ser dicho como un testimonio y entendido como su lenguaje, debe ser comprendido además, como aperturidad a un mundo de y para la historia, es decir, como una apertura performante que acontece desde el mismo lenguaje del ser.

Sin embargo, el pensamiento es el que permite este diálogo con la poesía y colocándose bajo su poder obrador, le recibe como una donación fundamental que pone en obra una historia que deviene en aperturidad al mundo de todos los poemas.

Es a través de esta declaración, con la cual Heidegger nos dice que es en el lenguaje y únicamente en él, que el hombre es capaz de expresar todo el significado de su ser, dando testimonio de su esencia en el devenir histórico.

Por otro lado, el establecimiento de un mundo histórico a través del cual cada ente recibe su aparecer en la bitácora originaria del ser, es producto del obrar del lenguaje, por ese motivo, afirma que donde hay lenguaje existe también un mundo, y es poético a medida que funda un mundo que se coloca en obra por el poeta. El *Dasein*, se fundamenta en el lenguaje y por su carácter histórico, se acrescenta a través de la escucha del que es originario y se expresa como decir poético.

Siguiendo ese análisis, Heidegger prestara especial atención a la afirmación de Hölderlin, según la cual el lenguaje es el más peligroso de los bienes entre los cuales disponemos, ya que el *ser-expuesto* del lenguaje entra al juego de su esencia y de su “contra-esencia” exponiéndonos a un riesgo que es doble, primeramente hace referencia al modo como el poeta “pone en obra el poema”, diciendo el mundo de manera inaugural y proyectándolo como algo virgen que es llevado al extremo máximo de tensión que puede ser alcanzado.

La segunda forma, radica en el hecho de que el lenguaje como habla esencial, se expone al riesgo de declinar como acontecimiento originario, produciéndose una ruptura de su estado primigenio. El poema funda un mundo, sobre el cual Heidegger habla en *Ser y Tiempo* [*Bedeutsamkeit*] el cual posee una significación única e integral, instalándose de forma histórica a partir de la obra poética como su espacio originario. Podemos decir, por tanto, que el decir poético como “lenguaje del mundo” es la fuente de toda “significación histórica”, pero sí nos abre un mundo, la palabra originaria que formula, debe ser la condición única de toda escucha presente y futura, presupuesto sumamente problemático en las ideas de Heidegger, a mi parecer.

Partiendo del encuentro de Heidegger con la poesía de Hölderlin, se produce una ruptura y un acontecimiento que se inscriben como un giro (*kehre*) en su pensamiento, puesto que coloca el diálogo a la base de toda comunicación posible entre nosotros hombres, cosas que sería según mi opinión, la intención principal del texto "*Hölderlin y la esencia de la poesía*", por tanto, si el *lenguaje-en-poema* es abertura a un mundo como instauración del ser del ente, comprendiendo el ser propio del lenguaje, entraríamos a la cuestión principal que quiere resolver en "*A camino del habla*", asunto sobre el cual profundizaremos más adelante en la disertación.

Antes de toda obra del pensamiento, el lenguaje generaliza la mayor parte de cosas que puede ser dichas, la poesía sería por lo tanto, la realización general de toda forma artística y su preeminencia está presente en todas ellas, puesto que es su umbral. Posee un carácter de *Paidéia* (de acuerdo a la clásica concepción helenística que hace referencia a una forma cultural universal del espíritu que Heidegger rescata), que irrumpe el ser del lenguaje y le permite acceder a la palabra que le intercepta con el pensamiento. Si para Heidegger, todas las manifestaciones del arte (arquitectura, escultura, música, pintura, etc.) son originariamente poéticas y devienen al clarear de una "*forma primordial*" [*Urpoesie*], no aclara, de qué forma estos "modos arquetípicos" de expresión difieren en cada una de estas "formas" de hacer arte.

Debido a su grandeza inaugural como comienzo primordial que irrumpe en el mundo, el decir poético, es una rareza y sus más bellas expresiones se manifiestan en pocos momentos de la historia humana (Heidegger será claro y contundente y dirá que la expresión poética alemana, es uno de esos raros momentos, imperando como arquetipo por sobre cualquier otra). En la obra poética, el lenguaje es liberado como decir que habla por sí mismo, proponiendo con ello, una escucha esencial a todos los que saben percibir el sonido de sus palabras a través del franqueado espacio de apertura de su obra, que dialoga con el ser y se relaciona directamente al pensamiento.

Los verdaderos poetas, son aquellos que experimentan el diálogo con lo poético a través de la agonía de sus palabras, sin embargo, como la “más inocente” de todas las ocupaciones entre las cuales el hombre puede dedicarse, ella expone su ejercicio lúdico al peligroso decir del lenguaje, extrayendo su capacidad reveladora del ser y apelando en todo momento a su decir.

2 A CAMINO DEL LENGUAJE

Para Heidegger, tanto el habla como el lenguaje son fundamentales, puesto que la poesía hace uso del que se encarna a través de ella, expresa y hace una colocación de la verdad. Además, expresa la naturaleza del habla en el hombre, como una cosa natural, esencial y fundamental en él, a través de la cual refleja su esencia como tal y logra diferenciarse del resto de seres vivos que no le poseen, y en el texto *“A camino del habla”*, comienza explorando esa fundamentalidad

Hablamos porque es lo natural en nosotros. Hablar no proviene de una voluntad especial. Se dice que por naturaleza el hombre posee el lenguaje. Acostumbrase decir que, a diferencia de la planta y el animal, el hombre es el ser vivo dotado de lenguaje. Esta definición no afirma nada más que, de entre muchas otras facultades, el hombre posee la capacidad de hablar. En ella se afirma además que es el lenguaje, lo que faculta al hombre ser el ser vivo que es en cuanto hombre (HEIDEGGER, 2003; Pág. 7)⁷.

El lenguaje faculta al hombre a ser el “ser vivo” que es, esa afirmación, sin embargo, implica que para pensarle, se vuelve necesario penetrar en el discurso de la lengua, pero para ello, debemos de pensar el lenguaje como la lengua misma, lo que en el fondo, resulta difícil de pensar y hacer, debido a que la “tradición lingüística” occidental, nos ha acostumbrado a separar estos dos elementos a través de una dicotomía.

⁷ HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Traducción de Marcia Sá Cavalcante Schuback Petrópolis, RJ: vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária, San Francisco, 2003, en la versión en portugués, se lee: *“Falamos porque falar nos é natural. Falar não provém de uma vontade especial. Costuma-se dizer que por natureza o homem possui linguagem. Guarda-se a concepção de que, à diferença da planta e do animal, o homem é o ser vivo dotado de linguagem. Essa definição não diz apenas que, dentre muitas outras faculdades, o homem também possui a de falar. Nela se diz que a linguagem é o que faculta o homem a ser o ser vivo que ele é enquanto homem”*, Pág. 7.

"Debemos pensar el lenguaje desde sí mismo y sólo desde el lenguaje. El propio lenguaje y nada más allá. El lenguaje es en sí mismo lenguaje" (HEIDEGGER, 2003; Pág. 7)⁸.

Según Heidegger, el hombre no logrará alcanzar esa comprensión del lenguaje, mientras no se cuestione sobre él mismo y deje de buscarle a partir de otra cosa separada dejando de lado sus "misterios", por tanto, el lenguaje no puede seguir siendo analizado a partir de una "*filosofía del lenguaje*", esta simplicidad en la que le coloca la reductiva "visión gramatical" debe de ser superada "...Si la verdad sobre el ser se volvió digna de ser dicha por el pensar, la reflexión sobre la esencia del lenguaje debe alcanzar otro nivel, no puede seguir siendo una simple filosofía del lenguaje" (HEIDEGGER, 2005; Pág. 10)⁹.

Para poder reflexionar sobre el lenguaje, debemos pensar desde su discurso y no desde el nuestro, con el fin de alcanzar no solo la comprensión de su esencia, sino más bien, hacer de él nuestra morada esencial, "Para poder pensar el lenguaje, es necesario penetrar en su habla, con el fin de que podamos habitar en él, en su discurso y no en el nuestro" (HEIDEGGER, 2003; Pág. 9)¹⁰.

⁸ **Ibídem.** En la versión en portugués, se lee: "*Queremos pensar a linguagem ela mesma e somente desde a linguagem. A linguagem ela mesma: a linguagem e nada além dela. A linguagem ela mesma é linguagem*", Pág. 8.

⁹ HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. 2ª edición revisada, traducción de Rubens Eduardo Frías. São Paulo, Centauro, 2005, en la versión en portugués se lee: "*...Se, todavia, a verdade do ser se tornou digna de ser pensada pelo pensar, deve também a reflexão sobre a essência da linguagem alcançar um outro nível. Ela não pode continuar sendo apenas simples filosofia da linguagem*", Pág. 10.

¹⁰ HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Traducción de Márcia Sá Cavalcante Schuback Petrópolis, RJ: vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária, San Francisco, 2003, en la versión en portugués, se lee: "*Para pensar a linguagem é preciso penetrar na fala da linguagem a fim de conseguirmos morar na linguagem, isto é, na sua fala e não na nossa*", Pág. 9.

Heidegger nos habla de “pensar el lenguaje”, afirmando con ello, algo que se vuelve muy importante a lo largo de todo su pensamiento, ya que está afirmando de forma contundente, que debemos ser capaces de “pensarle” y no simplemente “usarlo”, para poder alcanzar el mérito de “habitar” en él. Este es eminentemente poético, tema sobre el cual hablaremos más adelante, sin embargo, no somos conscientes de este habitar, ¿cómo vamos a resolver esa encrucijada?

Una pista podríamos tenerla, al pensar en el hecho que, pensando el lenguaje, estamos ya a camino de su rastro, “Alcanzar de tal modo el discurso del lenguaje, que esa habla acontece como lo que otorga y garantiza el habitar de la esencia, para modo de habitar propio de los mortales” (HEIDEGGER, 2003; Pág. 10)¹¹, puesto que “El lenguaje es la casa del ser. En esa habitación del ser habita el hombre” (HEIDEGGER, 2005; Pág. 5)¹²

Pero si el lenguaje es la habitación y morada nuestra, este constituye todo nuestro ser, por tanto, no es posible ninguna alusión a él, sin hacerla también a aquel. El lenguaje es un llamado a nuestra trascendencia y a partir de él, podemos alcanzar la comprensión plena de nuestro ser, sin embargo, su esencia es huidiza y se esconde, rehusándose aparecer ante nosotros, puesto que no nos es accesible por causa de su naturaleza esencial, lo esencial en el lenguaje, es por lo tanto, no darse tan fácilmente y Heidegger debe lidiar con ello.

¹¹ **Ibidem.** En la versión en portugués, se lee: “*alcançar de tal modo a fala da linguagem, que essa fala aconteça como o que concede e garante uma morada para a essência, para o modo de ser dos mortais*”, Pág. 10.

¹² HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. 2ª edición revisada, traducción de Rubens Eduardo Frías. São Paulo, Centauro, 2005, En la versión en portugués, se lee: “*A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem*”, Pág. 5.

“El lenguaje rehúsa darnos su esencia: es decir, el hecho de ser la casa donde habita la verdad del ser y su esencia” (HEIDEGGER, 2005; Pág. 11)¹³.

A través del habla, presentamos y representamos las cosas del mundo, pero también aquellas que no le pertenecen, puesto que a través del lenguaje, somos capaces de hacer que aquello que no posee existencia pueda adquirirla por su carácter inaugural que en el fondo es un decir genuino. Pero ¿por qué motivo afirma Heidegger que el lenguaje tiene un carácter inaugural y es un decir genuino? una explicación podría ser la siguiente

Decir de modo genuino, es decir de tal modo que en la plenitud de lo que se dice como perteneciente propiamente a lo dicho, es al mismo tiempo algo inaugural. Lo que se dice de forma genuina es el poema (HEIDEGGER, 2003; Pág. 12)¹⁴.

Las cosas dichas a través del habla, alcanzan su autenticidad cuando se expresan de manera poética, es decir a través del decir poético. Heidegger va a insistir mucho en la importancia de la poesía para el análisis del lenguaje, puesto que no podemos mencionarle, sin ella, debido a que le trae a su plenitud.

¹³ **Ibídem.** En la versión en portugués, se lee: “*A linguagem recusa-nos ainda a sua essência: isto é, que ela é a casa da verdade do ser*”, Pág.11.

¹⁴ HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem.** Traducción de Márcia Sá Cavalcante Schuback Petrópolis, RJ: vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária, San Francisco, 2003, En la versión en portugués, se lee: “*Dizer genuinamente é dizer de tal maneira que a plenitude do dizer, própria ao dito, é por sua vez inaugural. O que se diz genuinamente é o poema*”, Pág. 12.

Los responsables de guardar y garantizar este “habitar esencial”, en el que se encuentra el hombre cuando hace uso del lenguaje y expresa de forma poética su ser, son los pensadores (filósofos) y los poetas (¿Alemanes?)

...los pensadores y poetas son los guardianes de esta casa. La guardia que ejercen, es el acto a través del cual se consuma la manifestación del ser, en la medida en que conduce al lenguaje y es retenida en él (HEIDEGGER, 2005; Pág. 5)¹⁵.

Debemos buscar el habla del lenguaje, como producto de lo expresado poéticamente en las cosas que son dichas y en el hablar auténtico, puesto que pertenece a la proximidad de lo humano y se encuentra en todas partes y como expresión, habla las cosas de una manera u otra, diciendo lo que somos, por tanto, debemos tener el cuidado de no fundamentar el lenguaje en algo fuera de sí mismo, ni esclarecer otras cosas a través de él, para poder dar cuenta de su “esencialidad”.

Una de las pretensiones más ambiciosas de Heidegger en este sentido, sería liberar al lenguaje de los “grilletes conceptuales” de la gramática para abrir con ello, un espacio más originario, reservado como tarea principal del pensar y el poetizar, sin restar importancia a las diversas teorías, que desempeñan un papel importante, respecto a eso, afirma lo siguiente:

¹⁵ HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. 2ª edición revisada, traducción de Rubens Eduardo Frías, São Paulo Editorial, Centauro, 2005, En la versión en portugués, se lee: “...Os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação. A guarda que exercem é o ato de consumir a manifestação do ser, na medida em que a levam à linguagem e nela a conservam”, Pág. 5.

“pensamos el lenguaje desde el lenguaje, tomando como guía la peculiar frase: el lenguaje es lenguaje” (HEIDEGGER, 2003; Pág. 9)¹⁶ No estamos, sin embargo, preguntando lo que es la razón, solamente procuramos saber lo que es el lenguaje exactamente.

Heidegger manifiesta que el lenguaje se encuentra bajo la dictadura de la opinión pública, puesto que al estar al servicio meditativo de las vías de comunicación que utilizamos para hacer una objetivación de nuestra vida, demarcamos los límites de la pública y la privada.

Considerando que el habla es ante todo una forma de expresión vertida como comunicación sonora y movimientos del alma humana, debemos entender que ellos se hacen acompañar de pensamientos, por tanto, el habla viene junto a ellos, encontrándose en una correlación indisoluble.

Poseemos la capacidad de hablar y esta es una actividad eminentemente humana, puesto que esta expresión de la palabra de forma oral, se da a través de lenguas que varían cuanto la multiplicidad de razas y colores de piel, Heidegger encuentra una riqueza conceptual muy rica en ellas, otra importante razón para afirmar que su pensamiento no posee un matiz racista. El lenguaje es además, la “expresión de los movimientos interiores de nuestra alma”, a través de sonidos y en cuanto actividad propiamente nuestra, se presenta como algo figurativo y conceptual, perteneciente de modo *sui generis* a nuestra raza.

Cuando el lenguaje se ve perjudicado de alguna manera, ocurre un vaciamiento que amenaza nuestra esencia, debido a que la responsabilidad estética y moral que tiene con la palabra, degenera y se corrompe, trayéndonos consecuencias negativas, afirma Heidegger.

¹⁶ HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Traducción de Márcia Sá Cavalcante Schuback Petrópolis, RJ: vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária, San Francisco, 2003, En la versión en portugués, se lee: “*Pensamos a linguagem desde a linguagem, tomando como o aceno orientador a estranha frase: linguagem é linguagem*, Pág. 9.

Esta “responsabilidad”, radica en el hecho de que el lenguaje se ha “extraviado” en el ámbito de la metafísica moderna de la subjetividad, apartándose de su deber principal, el cual es *traer a la luz* la verdad del ente, pero ¿es acaso el ente del ser, o el ente como Dasein, el que Heidegger, pretende decir que el lenguaje trae a la luz?, trataremos de dar respuesta a esta interrogante, más adelante.

Este olvido del ser, se extiende a través de toda la filosofía occidental, (siendo la historia de la metafísica misma) como un “abandonarse a sí mismo” del lenguaje que se opone a cualquier tipo de instrumentalización técnica dominante sobre el ente y convirtiendo ese hecho en el objetivo principal del habla, el ente se efectiviza en lo real y en el sistema de actuación “causa y efecto”. Pero el habla no se agota en el decir, afirma Heidegger, puesto que en su seno deben de ser recorridos y reunidos todos aquellos modos que garantizan el cuidado y la perduración de lo que es permanente en ella, es decir, su esencia, puesto que de aquello que es dicho de forma esencial, siempre permanece algo.

Es nuestro deber escuchar el llamado de esta esencialidad como búsqueda que se hace a través del poema y el decir del lenguaje, como expresión de sí mismo, sin limitarse a ser algo que pertenece únicamente a su actividad como hombre, lo que Heidegger pretendería, por tanto, es encontrar la esencia del lenguaje que se encuentra en la poética de lo que se dice y que es capaz de hacer “mención del ser”, asevera.

Para que podamos encontrar la “verdad del ser” y nuestra morada en ella, debemos buscar el valor y aquello que es esencial en la palabra, atendiendo el llamado del ser y previo a su expresión alcanzar su docilidad, puesto que pocas y raras veces es dicha, la debemos referir de forma exclusiva, “solamente este habitar posee una “lengua” como morada que preserva lo estático para su esencia...” (HEIDEGGER, 2003; Pág. 17)¹⁷ Afirma Heidegger.

Nuestra existencia, es un “estar colocados” en el claro del ser escuchando su llamado, y somos capaces de ello, por la proveniencia de su esencia.

La esencia del lenguaje, no puede pensarse únicamente a partir de su capacidad de signar y ni siquiera a partir de su valor como ‘significante’ (*‘Signus-signata’*) puesto que no puede limitarse a ser la mera expresión o exteriorización de un ser vivo u organismo, puesto que precisa de una forma mucho más organizada requerida por su ser, para venir a la presencia “el lenguaje es un advenimiento iluminador-velador del propio ser” (HEIDEGGER, 2003; Pág. 20)¹⁸, Afirma. Es cierto que el lenguaje es básicamente expresión, más no una simple “reducción gramatical” en sentido tradicional, de la misma forma en que su unidad de fonema (*grafema*), melodía, ritmo y significado (sentido) fueron establecidos, todo esto es pura gramática en sentido tradicional, poco o nada relevante para Heidegger.

¹⁷ **Ibídem.** En la versión en portugués, se lee: “*Somente deste morar “possui” ele “linguagem” como a habitação que preserva o ex-stático para a sua essência..*”, Pág. 17.

¹⁸ HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem.** Traducción de Márcia Sá Cavalcante Schuback Petrópolis, RJ: vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária, San Francisco, 2003, En la versión en portugués, se lee “*Linguagem é advento iluminador-velador do próprio ser*”, Pág. 20.

Estamos acostumbrados a tomar esos elementos como si fuesen “el *espíritu del lenguaje*” y les descomponemos en fonema y grafema como partes materiales de su constitución y en melodía y ritmo como su “esencia” o parte “inmaterial”, sin embargo, es a través de ellos, que podemos encontrar una significación diferente para la correcta comprensión de aquello que es el lenguaje. Existe en nosotros una tendencia, que nos lleva a pensar el lenguaje a partir de la representación que hacemos de nuestra esencia como *animal rationale*, somatizando la unidad de cuerpo, alma y espíritu, alcanzamos a lo mucho una idea vaga, de lo que es en realidad. De acuerdo a esta interpretación “metafísico-somática”, además de ser la esencia ontológica e histórica, es la *casa del ser*, que le apropia y manifiesta para sí mismo, poniéndose a su disposición.

Si partimos únicamente de la idea de una *humanitas* del *homo animalis rationale*, (nos advierte heidegger) esta existencia nos permanecerá oculta y por tanto, esa relación de verdad queda fuera de nuestro ámbito. Esta interpretación, sería para Heidegger, una visión muy vacua que intenta explicar el lenguaje, pero que en realidad no hace más que repetir los conceptos de la metafísica tradicional, totalmente opuestos a la idea de lenguaje que Heidegger quiere mostrarnos, como morada y resguardo de nuestra esencia, en correspondencia con nuestro ser.

La *esencia del habla* es sin embargo, un llamado para que prestemos atención al significado real de las palabras, en el cual se evoca la intimidad de mundo y cosa para nuestra presencia. No somos seres vivos, por el hecho de estar en posesión del lenguaje y hacer uso de él, puesto que como capacidad que nos es inherente, es una más entre las muchas que podemos llegar a tener, el habla no es la única forma de comunicación que poseemos y Heidegger quiere hacernos plenamente conscientes de ello. Sin embargo, el lenguaje es la casa del ser y habitamos en su seno, puesto que existe en tanto que pertenece a su verdad y le protege, pero, además, esa morada esencial le hace su propiedad y por eso es capaz de usarle.

Debemos pensar ahora, sobre cuál es el elemento que según Heidegger vigora en la palabra dicha de forma poética.

Podemos deducir a partir de los argumentos presentados, que este elemento al cual se refiere Heidegger, es el habla del lenguaje, que se presenta de forma auténtica únicamente a través de la poesía, el lenguaje por tanto, deja acaecer las cosas en el “*entre*” de su diferencia, a través del llamado *cosa-mundo* y *mundo-cosa*. “El lenguaje habla cuando el llamado de la diferencia evoca y convoca al mundo y a la cosa a partir de la simplicidad de su intimidad” (HEIDEGGER, 2003; Pág. 24)¹⁹.

Heidegger afirma que el habla tiene una contraparte que parece estar en silencio, como algo quieto “...El lenguaje habla como una consonancia de lo quieto” (HEIDEGGER, 2003; Pág. 24)²⁰, y en esta consonancia de lo quieto, Heidegger encuentra una forma de apropiación de mundo y cosa muy sólida, que se da a partir de la diferencia que encuentra precisamente en ella. Nosotros somos en esencia como el lenguaje, puesto que nos pertenecemos y estamos unidos de forma inevitable, en la permanencia que habita en la consonancia de lo quieto.

Debemos mencionar también, que pertenecemos a esta consonancia y por ella, somos capaces de hablar y expresar palabras a través de sonidos, evocar las cosas por su nombre, convocar mundo y cosa a partir de la simplicidad de lo que se hace poema en nuestro decir, como llamado y propiciación.

¹⁹ **Ibídem.** En la versión en portugués, se lee: “*A linguagem fala quando o chamado da diferença evoca e convoca mundo e coisa para a simplicidade de sua intimidade*”, Pág. 24.

²⁰ HEIDEGGER, Martin. ***A caminho da linguagem***. Traducción de Márcia Sá Cavalcante Schuback Petrópolis, RJ: vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária, San Francisco, 2003, en la versión en portugués, se lee: En la versión en portugués, se lee: “...*A linguagem fala como consonância do quieto*”, Pág. 24.

Heidegger radicaliza la frase de que el “lenguaje es la casa del ser” y nuestra morada como seres humanos singulares, con la siguiente afirmación:

...El ser es la protección que guarda al hombre en su esencia existente, de tal modo que le instala en el lenguaje. Es por ello que de forma particular, el lenguaje es la casa del ser y la morada del ser humano (HEIDEGGER, 2005; Pág. 58)²¹.

Sin embargo, la expresión poética del lenguaje no es un simples *melos* (modo), introyectado como forma elevada de evocación cotidiana del habla, sino más bien, el decir mismo, que se deja de lado como poema y que no resuena en el decir de nosotros los hombres.

Aunque no sepamos (afirma Heidegger) que el lenguaje es nuestra morada esencial, las ciencias humanas continúan existiendo en su realidad histórica y por ello, es que somos capaces de dar sentido a todas las acciones y maquinaciones de nuestra existencia.

El pensar mismo -afirma- va en contra del clarear del ser y deposita su decir en el lenguaje como nuestra morada. El “*habla de los mortales*”, no posee sustrato propio, ni reposa en la relación que establece con el lenguaje, como “primordio” de nuestra capacidad para expresar la palabra y según mi opinión, Heidegger no ha reparado lo suficiente en ello, ya que en el fondo, es tan solo un *melos* (modo) en el que la voz humana (habla del lenguaje) se articula, a partir de lo quieto de la consonancia apropiante, estableciéndose apenas como un corresponder sin llegar en ningún momento, a ser un sustrato.

²¹ HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. 2ª edición revisada, traducción de Rubens Eduardo Frías, São Paulo Editorial, Centauro, 2005, En la versión en portugués, se lee: “...O ser é a proteção que guarda o homem em sua essência ex-sistente, de tal maneira, para a sua verdade, que ela instala a ex-sistência na linguagem. É por isso que a linguagem é particularmente a casa do ser e a habitação do ser humano, Pág. 58.

El ser llega como una “luz que clarea” en forma de adviento hasta el lenguaje “...El ser llega al lenguaje, iluminándose, está constantemente a camino hacia él. Esto que está constantemente en adviento, el pensar existente, trae a su vez, en su decir, el lenguaje” (HEIDEGGER, 2005; Pág. 58)²².

La frase anterior es muy interesante, puesto que en ella afirma que nuestro ser está en constante camino hacia el lenguaje y este a su vez, le necesita para aparecer, materializarse a través del habla y mostrarse en el mundo y como es llevado a la múltiple tarea de sonar en la palabra, iluminado de forma misteriosa por el lenguaje, nos rebasa de manera inusual con su fuerza.

Por ello, estoy en la posibilidad de afirmar que la principal “tarea” del pensamiento (filosofía) es traer el adviento del ser al lenguaje y a través de su permanencia, alcanzarnos y ponerse a nuestra disposición, en una relación de mutua copertenencia entre ambos.

Nuestra escucha, es la responsable de extraer del llamado de la diferencia -de la copertenencia de la cual hablamos- todo aquello que suena en la palabra, como forma de escucha, se corresponde con ella en todo el sentido de la palabra, es decir, con el habla del lenguaje que es sería el principal sonido que los mortales emitimos y al cual estamos subordinados de muchas maneras. Sin embargo, toda escucha que puede ser llamada auténtica, debe ser sustentada por un decir propio, el cual proviene únicamente del ser “... los mortales, por lo tanto, habitan en el habla del lenguaje” (HEIDEGGER, 2003; Pág. 26)²³, el descubrimiento de este discurso nos corresponde, para alcanzar la posibilidad de conocer su esencia, el lenguaje por ello, pertenece al ser, Heidegger lo explica de forma clara en el siguiente párrafo

²² **Ibídem.** En la versión en portugués, se lee: “...O ser chega, iluminado-se, à linguagem. Ele está constantemente a caminho para ela. Isto que está constantemente em advento, o pensar ex-sistente, por sua vez, traz, em seu dizer, à linguagem”, Pág. 58.

²³ HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem.** Traducción de Márcia Sá Cavalcante Schuback Petrópolis, RJ: vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária, San Francisco, 2003, En la versión en portugués, se lee: “...desse modo, os mortais moram na fala da linguagem”, Pág. 26.

...El pensamiento recoge el lenguaje para juntarlo al decir cotidiano". El lenguaje es así lenguaje del ser, del mismo modo que las nubes pertenecen al cielo. A Través de su decir, el pensamiento abre surcos invisibles en el lenguaje, mucho más que los que lentamente abre el campesino en el campo (HEIDEGGER, 2005; Pág. 61)²⁴.

El habla nuestra, acontece únicamente a medida que se corresponde con el lenguaje, lo cual equivale a escuchar su llamado volviéndonos parte de él y la quietud, como su silencio, es lo que determina su escucha en cuanto formamos parte del mismo, sin embargo, habitar en el habla del lenguaje es lo que nos está en juego y debemos recuperar.

²⁴ HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. 2ª edición revisada, traducción de Rubens Eduardo Frias, São Paulo Editora, Centauro, 2005, En la versión en portugués, se lee: "...O pensar recolhe a linguagem para junto do simples dizer. A linguagem é assim a linguagem do ser, como as nuvens são as nuvens do céu. Com seu dizer, o pensar abre sulcos invisíveis na linguagem. Eles são mais invisíveis do que os sulcos que o camponês, a passo lento, abre pelo campo", Pág. 61.

2. 1 EL LENGUAJE EN LA POESÍA

En la segunda parte del texto *“A caminho del lenguaje”*, Heidegger hace una colocación fundamental sobre la relación fundamental entre poesía y lenguaje, a partir de poemas del poeta expresionista austríaco Georg Trakl, por el cual siente profunda admiración, al punto de colocarle en una posición similar a la de Hölderlin, pues según él, posee una forma acabada de decir poético, que hace “mención del ser”, y a través de ese análisis, quiere pensar el lugar que merece, respecto a las grandes formas literarias, que hacen justamente eso, traer la verdad del ser a nuestra presencia. A diferencia de Trakl, Hölderlin no forma parte de un “humanismo literario”, por el hecho de que piense nuestro destino, de forma mucho más radical de lo que aquel es capaz de hacerlo, debido a que, para Heidegger, todo gran poeta, poetiza sobre una sola poesía y es a ella y únicamente a ella a la que confiere capacidad para poder expresar en palabras, la esencia del lenguaje, que es justamente a lo que el poeta está destinado. La grandeza de un poeta, se mide por la intensidad con la cual se entrega al decir poético “la grandeza de un poeta se mide por la intensidad con la cual se entrega a esta poesía única, al punto de llegar a sustentarse enteramente en ella” (HEIDEGGER, 2003; Pág. 27)²⁵, en este sentido, toda poesía, se encuentra en estado de impronunciación, puesto que una forma artística aislada, no puede decir todo lo que precisa ser dicho y por tanto, cada poema habla tan solo una parte de la verdad, por ello, su decir emergente como una onda, es una “saga poética” que busca alcanzar la totalidad de lo que necesita ser dicho.

²⁵ HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Traducción de Márcia Sá Cavalcante Schuback Petrópolis, RJ: vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária, San Francisco, 2003, En la versión en portugués, se lee: “A grandeza de um poeta se mede pela intensidade com que está entregue a essa única poesia a ponto de nela sustentar inteiramente o seu dizer poético”, Pág. 27.

Una obra poética es grande, si en su producción el poeta se niega a sí mismo, debido en gran medida a su carácter biográfico, es decir, refleja no sólo su vida, sino también el nombre que le concierne como persona. Es a partir de la poesía, que el poeta nombra la “patria” que quiere revelarnos y que está próxima con el ser, haciendo uso de un lenguaje que radicaliza la tradición metafísica que le ha dejado de lado. Habría que hacer una observación sobre el trazo de “etnocentrismo” que a mi parecer es recurrente en el pensamiento de Heidegger sobre la poesía, en el que subyace una cuestión de “marcada” diferenciación de un pueblo sobre otro, si la “patria” de la cual habla al interpretar los poemas de Rilke (podría estar equivocado), es la patria alemana por excelencia, fallaría al querer escapar de la tradición metafísica occidental que tanto critica, terminando su pensamiento atrapado en categorías como “nacionalismo” e incluso “imperialismo”, que según mi entendimiento son de corte eminentemente metafísico. Ahora bien, Heidegger tiene motivos de sobra y todo el derecho (puesto que es alemán) para exaltar esta forma poética y eso no debe de ser motivo de discusión alguna ni nos daría el derecho de afirmar de forma tajante, que su pensamiento es “racista”, como estaríamos tentados a hacerlo.

El ser es nuestro destino y búsqueda continua, que nos apela constantemente a pesar de sernos velado e insistiendo en traerlo al “clarear de la luz”, tornándolo manifiesto para el destino del mundo, es decir, “el ser como destino que destina verdad permanece oculto. Sin embargo, el destino del mundo es anunciado en la poesía, sin que aún se torne manifiesto cómo la historia del ser” (HEIDEGGER, 2005; Pág. 34)²⁶.

²⁶ HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. 2ª edición revisada, traducción de Rubens Eduardo Frías, São Paulo Editora, Centauro, 2005, En la versión en portugués, se lee: “O ser enquanto destino que destina verdade permanece oculto. Mas o destino do mundo anuncia-se na poesia, sem que ainda se torne manifesto como a história do ser, Pág. 34.

El poema es una forma de imaginar cosas, afirma Heidegger, puesto que, con ello, el poeta consigue pensar y representar a través de imágenes, cosas que no existen en la realidad pero que tienen la posibilidad de ser en ese mundo

El poema entreteje imágenes poéticas, inclusive cuando parece describir algo. Poetizando, el poeta imagina algo que en realidad podría existir. Al poetizar, el poema representa en una imagen lo que imagino. La imaginación poética se exprime en el habla del poema.

Lo que se dice en el poema, es lo que el poeta expresa a partir de sí mismo. Lo que es expresado de esa forma, habla al expresar su contenido (HEIDEGGER, 2003; Pág. 14)²⁷.

El lenguaje expresado a través de la poesía, es una enunciación múltiple y expresiva, que se manifiesta de muchas maneras, siendo una de ellas la prosa poética, que al no oponerse a lo puramente dicho, posee el mismo nivel de belleza que la métrica.

Podemos considerar a la poesía como una “onda en movimiento” con ritmo propio, a través de la cual, la esencia velada de la representación estética y metafísica, se desenvuelve. El esclarecimiento de la poesía, es fundamental para que podamos tener acceso al “clarear” de lo que se dice poéticamente y Heidegger es plenamente consciente de ello, puesto que, para él, cada uno necesita su explicación individual, sin embargo, existen algunos que pueden brillar y sonar de manera única a partir del lugar que les corresponde y la particularidad que adoptan en conjunto.

²⁷ HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Traducción de Márcia Sá Cavalcante Schuback Petrópolis, RJ: vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária, San Francisco, 2003, En la versión en portugués, se lee: “*O poema tece imagens poéticas, mesmo quando parece descrever alguma coisa. Poetizando, o poeta imagina algo que poderia existir realmente. Ao poetizar, o poema representa numa imagem o que imaginou. É a imaginação poética que se exprime na fala do poema. O que se diz no poema é o que o poeta expressa a partir de si mesmo. O que assim se expressa fala ao exprimir o seu conteúdo*”, Pág.14.

Colocación y aclaración, son los términos que usa Heidegger para explicarnos la convergencia entre la poesía de un poeta y el lenguaje, partiendo de la idea que la conversación entre poetas es el diálogo por excelencia, sin más opción que afirmar ese diálogo como causa única. Este (diálogo entre poesía y pensamiento), procura una cosa bien importante, es decir “...la esencia del lenguaje para que los mortales aprenden a habitar nuevamente en el lenguaje” (HEIDEGGER, 2003; Pág. 28)²⁸ y por el hecho que podamos recuperar el “habitar esencial perdido”, Heidegger deduce que también podemos recuperar el conocimiento del ser y lo esencial que el decir poético trae consigo.

La consumación de esta unión de pensamiento y poesía, ha demorado mucho en acaecer en la historia de la humanidad, vínculo que perturba el decir poético, en lugar de permitir su libre desarrollo desde su reposo y calma, por lo tanto, la colocación que se hace desde la poesía, debe ser un diálogo pensante que parte de la poesía misma.

Cuando hacemos una colocación a partir de la poesía, afirma Heidegger, no reemplazamos la escucha de los poemas que hacen los poetas, sino más bien, elevamos esa escucha a la dignidad de un cuestionamiento, que nos empuja a profundizar en su sentido y relevancia. En este punto radicaría, Para Heidegger, la relevancia de Trakl y su decir poético, puesto que cada una de sus creaciones hace una colocación sobre el lugar único que ocupa la poesía, dándonos testimonio de la armonía única que reside en ellas, desde el tono fundamental propio del lenguaje.

²⁸ **Ibíd.** En la versión en portugués, se lee: “... a essência da linguagem para que os mortais aprendam novamente a morar na linguagem, Pág. 28.

Haremos una colocación sobre la poesía de Trakl, partiendo de la interpretación que Heidegger hace de un poema suyo, el cual introduce una cuestión fundamental, versando como sigue: *Algo de extraño, el alma en la tierra (Es ist die Seele ein Fremdes auf Erden)*. Comienza hablando sobre la posición del alma (nuestra, alma humana) respecto al ámbito de lo suprasensible y su colocación en la poesía, presentándose primeramente como una especie de “disminución” contraria a lo sensible (tomaremos como ejemplo, la idea clásica Platónica de los modelos arquetípicos, a la cual Heidegger nos refiere en el texto que estamos usando como guía, pues según él, Rilke en realidad está hablando de la idea de alma humana, como “aproximada” en nuestra mente, pero nunca podremos alcanzar un conocimiento real y exacto de ella).

Y eso sería cierto, si vemos que el alma en el poema de Rilke, es algo que no pertenece a este mundo “algo extraño” a él, el cuerpo sería apenas su prisión y este encarcelamiento, es la pregunta que su poesía trata de dilucidar. El poeta nos dice que el alma es “*algo extraño en la tierra*”, cosa que a primera vista se contradice con lo que afirma más adelante en el poema, a saber, que ella no huye del mundo por qué le necesita para poder realizarse como tal, en el instaurar del habitar poético que no busca nada más que “salvar la tierra como tierra”, pero reparemos en ello, ¿de qué peligro busca salvarnos exactamente?, esa respuesta no obra al menos en este poema al cual nos estamos refiriendo. Para Heidegger, esa idea tendría validez, puesto que coincide en un punto medular de su pensamiento, es decir, aquel en el que afirma que en todo donde el peligro es más grande y latente, ahí mismo se encuentra la salvación y la esperanza. El ser “algo extraño en la tierra”, sería, por tanto, el rasgo distintivo de la esencia del alma, ya que se encuentra “inevitablemente” en el mundo, pero al mismo tiempo separada, en palabras de Heidegger, podemos decir “...Lo solitario sustenta al alma en la unicidad, recogiendo en lo uno y conduciendo su esencia para la travesía.

Solitaria, el alma está en travesía” (HEIDEGGER, 2003; Pág. 50)²⁹ esta es la travesía que el alma realiza, para poder mostrarnos su esencia a través de la poesía.

La poesía es una forma de escucha, que no se sustenta en sí misma, puesto que precisa convertirse en pronunciamiento y decir antes de llegar a ser lo dicho por un poeta. Por ello, debemos advertir que la poesía permanece esencialmente impronunciada en el decir, oculta en las palabras del poeta como “misterio” de lo que es mera posibilidad, puesto que no toda llega a nuestra escucha.

No podremos (advierte Heidegger) comprender el lenguaje que mora en la poesía, mientras no nos enteremos de su peculiar carácter polisémico, ya que de él depende que su decir sea ambiguo y su significación real nos permanezca oculta. Debemos afirmar por tanto, siguiendo a Heidegger, que la poesía de Trakl posee ese carácter polisémico, puesto que permanece como algo indecible a la vera del lenguaje, es decir, al lado de lo que caracteriza el decir poético como saga, “...Su poesía canta el destino y envío del golpe que embate, es decir, guarda a la generación humana para su esencia y para su vigorar aun retraído” (HEIDEGGER, 2003; Pág. 68)³⁰.

Nos damos cuenta por tanto, que cuando réplica “...*algo extraño en la tierra*”, simula la travesía del alma por el mundo (si es que ella es una realidad posible de ser conocida por nuestras capacidades limitadas) y demuestra que es un poeta de la tierra cubierta aún por el atardecer (designación que Heidegger utiliza para nombrar a aquellos poetas que son capaces de traer a la luz la verdad del ser con su poesía).

²⁹ HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Traducción de Márcia Sá Cavalcante Schuback Petrópolis, RJ: vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária, San Francisco, 2003, En la versión en portugués, se lee: “...*O solitário sustenta a alma na unicidade, recolhendo-a no uno e conduzindo assim sua essência para a travessia. Solitária, a alma é alma em travessia*”, Pág. 50.

³⁰ **Ibíd.** En la versión en portugués, se lee: “...*Sua poesia canta o destino e envio do batimento que embate, ou seja, salva a geração humana para a essência, para o seu vigor ainda retraído*”, Pág. 68.

Después de esta exploración sobre la poesía de Trakl, vamos a fijar nuestra atención en la tercera parte del texto *“A caminho del lenguaje”* titulada *“De una conversación sobre el lenguaje entre un japonés y un pensador”* con el fin de remitirnos con sus palabras a la búsqueda del sentido real de la esencia del lenguaje y la poesía. Una de las primeras cosas en la que reparamos, es el carácter apelativo que encuentra en el lenguaje, lo que sería una capacidad de nombrar las cosas del mundo para que estas puedan venir a nuestro encuentro, es lo que podríamos llamar carácter denominativo del mismo.

La formulación (que Heidegger hace en el texto “Carta sobre el humanismo”) el lenguaje es *“la casa del ser”* (a mi criterio) no puede explicar a cabalidad lo que es la “esencia” del lenguaje, algo que puede molestar a los “pensadores”, puesto que en realidad denuncia la decadencia y estado actual del pensamiento “intelectualista” en general, él mismo nos lo dice de forma clara, “la esencia del lenguaje no puede ser algo lingüístico. Es lo mismo que acontece con la formulación *“la casa del ser”*” (HEIDEGGER, 2003; Pág. 91)³¹

La esencia del lenguaje, no puede ser explicada a través de construcciones teórico-lingüísticas, por ello Heidegger nos advierte que la formulación que le explica *“la casa del ser”* representa todo lo contrario, pues parte de presupuestos que no son teóricos, liberándose así del estancamiento y predominio “intelectual-racional” de la metafísica occidental.

Esto queda claro, al momento de hacer una referencia hermenéutica sobre la idea de lenguaje que se decide por sí misma, y es ella, lo único que puede establecer y garantizarnos, la referencia de lo que es vigente.

³¹ HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Traducción de Márcia Sá Cavalcante Schuback Petrópolis, RJ: vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária, San Francisco, 2003, En la versión en portugués, se lee: *“a essência da linguagem não pode ser nada lingüístico. É o que também acontece com a formulação “casa do ser”*”, Pág. 91.

Nos encontramos sumergidos (sin saberlo) en la referencia hermenéutica del lenguaje, que se presenta ante nosotros como una duplicidad entre ser y ente, de ese modo nuestra dependencia respecto al lenguaje es inevitable.

Cuando Heidegger habla de referencia hermenéutica (puesto que lleva un anuncio y trae un mensaje, cosa que es muy relevante para él) está afirmando que somos un ser, y como tal, pertenecemos a una recomendación que nos requiere y reivindica, es hermenéutica por tanto, puesto que trae un mensaje esencial para nosotros, el cual nos pertenece de forma irrenunciable.

El camino hacia la comprensión del lenguaje, se consigue únicamente a través de la claridad e integridad de pensamiento, lo que Heidegger llama "preñez significativa" o "preñez de significado", por ello, es siempre algo suprasensible, puesto que su discurso ultrapasa cualquier explicación físico-sensible de la fonética.

Heidegger es muy claro y preciso en ese punto, el lenguaje nunca es una expresión, fonación o impresión gráfica, sino más bien, la manifestación de nuestra esencia, es por ello, que durante mucho tiempo el término 'lengua' fue utilizado para pensar el lenguaje como aquello que da origen a la conversación como interpelación entre nosotros mismos.

2.2 LA ESENCIA DEL LENGUAJE

Al pensar el lenguaje y su esencia, Heidegger hace una “experiencia” con ambos, advirtiéndonos siempre, que no podemos hacer caso omiso de su existencia y el lenguaje de forma particular, se encuentra siempre de nuestro lado, corre sobre nosotros, viene a nosotros, nos transforma y abrume con su presencia. Hacemos una experiencia con el lenguaje, *dejándonos tocar por su reivindicación, entregándonos y armonizándonos con ella*, lo sepamos o no, lo queramos o no, nunca nos es una opción.

Si es verdad que el hombre quiere, lo sepa o no, encontrar en el lenguaje la morada propia de su presencia, entonces una experiencia hecha con el lenguaje, habrá de tocarnos en la articulación más íntima de nuestra presencia (HEIDEGGER, 2003; Pág. 121)³²

Heidegger insiste mucho en la importancia de este punto para la comprensión del lenguaje, puesto que le piensa en todo momento como una experiencia.

En la práctica, hacer una experiencia con el lenguaje, es algo muy difícil para nosotros, encontrándonos cada día más alejados de esa relación esencial que nos une a él y el único contacto con ella, sería a través del habla. Esta afirmación parece tener mucho sentido para Heidegger, puesto que nos cuestiona de la siguiente manera

³² **Ibidem.** En la versión en portugués, se lee: “Se é verdade que o homem, quer o saiba ou não, encontra na linguagem a morada própria de sua presença, então uma experiência que façamos com a linguagem haverá de nos tocar na articulação mais íntima de nossa presença”, Pág. 121.

¿y qué otra proximidad inmediata podría tener el hombre con el lenguaje, si no es a través del habla?,...y aún así, nuestra relación con el lenguaje continúa siendo indeterminada, oscura, una cosa casi indecible (HEIDEGGER, 2003; Pág. 122)³³.

Según Heidegger, el lenguaje en general y las diversas lenguas utilizadas para comunicarnos en todo continente y civilización, han entrado en procesos de burocratización y tecnificación, que les expanden continuamente. Esto es más negativo que positivo, en vista que la metalingüística (rama de la lingüística que estudia la relación entre el lenguaje y factores culturales inusuales de una sociedad) degeneró hasta convertirse en una “metafísica del lenguaje”, volviéndose un mero instrumento de información globalizada, actual y funcional en todo el sistema planetario, en la cual el lenguaje pierde totalmente su esencia originaria.

Es necesario diferenciar, la experiencia que hacemos con el lenguaje y todo aquello que puede ser considerado como conocimiento sobre el mismo, lo cual no proyectaría de modo alguno su esencia fundamental ante nosotros, puesto que eso se da únicamente, cuando hacemos una experiencia con él y este adviene a nuestra presencia.

Sin embargo, el habla no se encuentra tan fácilmente ante nosotros, puesto que no forma parte de lo cotidiano de nuestra vida, siendo más bien lo que nos permite ser capaces de hablar una lengua determinada y actuar respecto a las cosas relevantes a ella. Hacer una experiencia con el lenguaje, implica traerlo junto con su esencia y el poeta destaca en ello, pues con su capacidad de expresión y decir, nos brinda el significado que la palabra debe tener.

³³ HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Traducción de Márcia Sá Cavalcante Schuback Petrópolis, RJ: vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária, San Francisco, 2003, En la versión en portugués, se lee: “...*mesmo assim, nossa relação com a linguagem mantém-se indeterminada, obscura, quase indizível*, Pág. 122.

En vista que las cosas del mundo adquieren sentido cuando devienen de la palabra, es ella lo único que brinda relevancia a su realidad. Heidegger puede decirnos lo así, “Sólo cuando se encuentra palabra para la cosa, esa cosa es cosa. Sólo entonces es. Debemos por tanto dejar eso bien claro: nada es, donde la palabra falta. Es la palabra que da el ser a las cosas” (HEIDEGGER, 2003; Pág. 126)³⁴.

Pero el lenguaje, oculta la verdad de las cosas o buena parte de ella, puesto que siempre queda algo “enigmático”, en la relación que establece con su significación y si el poema se escucha a través de la lectura, podemos afirmar que es un sonido que “contiene” lo que algo es verdaderamente.

A través de su experiencia con la palabra, el poeta hace vigorar la cosa en su aparecer propio “el lenguaje es la casa del ser” (HEIDEGGER, 2003; Pág. 127)³⁵. La palabra dicha desde la perspectiva del poeta, *es aquello a lo que una cosa se atiene, cómo contenida en su ser*, llegando a alcanzar su dignidad plena, volviéndose aquello que es en esencia. La palabra es un bien para el poeta (y no sólo para él, sino para todos en general) el cual, confiado y entregado a ella, le toma como fuente y borde de su ser.

El ser para el poeta se encuentra “sumergido” en la palabra, su única vocación es con ella y en cuanto asume su oficio, da testimonio de la plenitud del lenguaje en el mundo. El sentido de hacer una experiencia con el lenguaje, es el de alcanzarle, llegar a su camino y atrapar su esencia *Eundo assequi*, de acuerdo a la interpretación de los latinos y eso es exactamente lo que Heidegger quiere que comprendamos.

³⁴ **Ibíd.** En la versión en portugués, se lee: “*Somente quando se encontra a palavra para a coisa, a coisa é coisa. Somente então ela é. Devemos portanto frisar bem: nenhuma coisa é, onde a palavra, isto é, o nome falhar. É a palavra que confere ser às coisas*”, Pág. 126.

³⁵ HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Traducción de Márcia Sá Cavalcante Schuback Petrópolis, RJ: vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária, San Francisco, 2003, En la versión en portugués, se lee: “*A linguagem é a casa do ser*”, Pág. 127.

La experiencia que le interesa a Heidegger a fin de cuentas, es la que hace el poeta y la poesía misma con el lenguaje, que pone ante nuestros ojos, el lugar hasta el cual pretende llegar, pero ¿cuál es?, puesto que el pensar poetizante y el hacer propio de la experiencia con el lenguaje, no trae un conocimiento alcanzado a través de fines y medios intelectuales, debo mencionar que esa cuestión no queda muy clara en sus textos, puesto que lo que nos dice es un ejercicio de elucubración, en fin una teorización sobre el lenguaje y la poesía misma.

Heidegger reafirma la imposibilidad de que algo exista con independencia de la palabra, pero eso, resulta bastante discutible y dudoso, pues de la mera existencia de una palabra, no podemos negar o afirmar la calidad ontológica de algo, pienso por ello, que podemos hablar de existencia fuera de esa “relación de significancia” y el poeta con su decir, es capaz de explicar esa relación junto lo que le es esencial, pero no determinar su existencia con ello.

Heidegger da mucha importancia a la palabra, pues es el principal medio de expresión del lenguaje (lo cual es muy cierto con muchas reservas) y el lugar donde prevalece lo que llama “saga del decir poético”, que apertura la verdad de la cosa y delimita el destino del lenguaje en el mundo.

Sin embargo, corremos el riesgo de quedar imposibilitados de ser apropiados por la “expresividad del ser” y recibir su toque, pues no es del todo seguro que seamos capaces de hacer una experiencia poética con el lenguaje, ya que según Heidegger, “sobrecargamos la poesía” de pensamientos que no permiten que su esencia nos llegue, por ello nuestra relación con él, es de tensión, separación, peligro e inestabilidad, pero no lo asumimos, o fingimos no hacerlo, al vivir “divagando” fuera de la realidad por así decirlo.

Si poesía y pensamiento se relacionan a partir de una conexión esencial, encontrándose en el mismo ámbito y vecindad, necesítándose mutuamente, debemos cuestionar a Heidegger en este sentido, ¿cuál es ese campo en que esta proximidad, tiene su ámbito propio?, puesto que hablar de ello, parece algo muy sospechoso o dudoso, debido a que realmente, no llegamos a percibir su importancia, alimentados por un prejuicio que afecta nuestra relación con el lenguaje y lo esencial en él. Este se origina en la idea clásica, según la cual, el pensamiento es producto de la *ratio* (*razón*), de cálculos o procesos intelectuales, por ello, “racionalizando” el sentido de la relación esencial (pensamiento y poesía) nos condenamos a no poder comprenderle nunca.

Heidegger estará de acuerdo con ello, afirmando que el pensamiento no debe ni puede ser un medio para el conocimiento del lenguaje, ya que sus cimientos son mucho más profundas y esenciales, sin embargo, en muchas de sus ideas, esta cuestión resulta poco clara e incluso oscura, despertando dudas sobre si es o no consecuente con ellas. El pensamiento, es un obstáculo para alcanzar una adecuada comprensión del ser y su forma, abre apenas surcos que se aproximan “...El pensamiento abre surcos en el agro ser...” (HEIDEGGER, 2003; Pág. 133)³⁶ Por ello, solo aclarando nuestra posición frente al lenguaje, sin ninguna indeterminación o confusión, comprenderemos que es nuestra “morada originaria”, por ello, la pregunta que debemos hacernos es, ¿cómo podremos cuestionar alguna cosa sobre el lenguaje, si en realidad estamos separados de él?, ¿de qué manera debemos preguntarnos por el fundamento de algo que nos parece dudoso? en ambos casos, su esencia siempre va a parecernos discutible y confusa.

³⁶ **Ibídem.** En la versión en portugués, se lee: “*O pensamento abre sulcos no agro do ser...*”, Pág. 133.

Para poder comprender la esencia del lenguaje, es indispensable que ella se nos indique previamente, des ocultándose y reuniéndose con nosotros, a partir de su fundamento primario, que también debe de habernos llegado antes. Si cualquier reflexión sobre el lenguaje es posible, esta debe partir del hecho que su esencia es algo conocido y previsto, nuestro conocimiento sobre ella debe radicar en ese presupuesto.

Nuestro entender, debe seguir la línea de un pensamiento que se gesta a sí mismo y se radicaliza al momento que es absorbido por el fundamento de lo que representa a cabalidad, examinando los aspectos primarios y últimos de las cosas en las que fijamos nuestra atención (que no es en el lenguaje como Heidegger querría), nos daremos cuenta que su esencia se caracteriza por ser el fundamento de aquello en lo que recae y cada pensamiento que la reflexiona de esa forma, es un cuestionar.

Pero, ¿qué es lo que realmente cuestiona?, pues los modos en los cuales aparece como lo que funda y esencializa, por ello, solamente tienen validez los pensamientos sobre el lenguaje que explican su esencia de esa manera, como algo fundado y al mismo tiempo capaz de fundar.

Heidegger insiste en la necesidad que esta esencia, se nos entregue con antelación a través de ese proceso, el cual establece su fundación y aparecer ante nosotros, consintiéndose en el ámbito de su aperturidad, incluso cuando se encuentra de forma implícita a camino de ser descubierto por nosotros, esa sería una de las condiciones primordiales que posibilita toda experiencia con el lenguaje, “Hablamos y hablamos sobre el lenguaje. Aquello de lo que hablamos, nos precede siempre” (HEIDEGGER, 2003; Pág. 138)³⁷, vemos pues, que el habla acaece siempre a partir del lenguaje y hablamos sobre él, puesto que *somos superados por lo que ya nos debe de haber implicado*, formando parte de él.

³⁷ HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Traducción de Márcia Sá Cavalcante Schuback Petrópolis, RJ: vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária, San Francisco, 2003, En la versión en portugués, se lee: “*Falamos e falamos sobre a linguagem. Aquilo de que falamos, a linguagem, já sempre nos precede*”, Pág. 138.

La escucha del lenguaje, acontece todo el tiempo, aunque no lo sepamos o ignoremos, si no fuese así, no podríamos usar ninguna palabra, siendo imposible toda forma de expresión, ya que el habla se materializa únicamente a través de palabras escritas y sonoras. Si no escucháramos por todas partes el lenguaje, sería imposible hacer uso de él y su esencia da noticias de sí, cuando sale a la luz, puesto que ella y su indicio se encuentran en una relación *sui generis*, “La esencia del lenguaje: el lenguaje de la esencia” (HEIDEGGER, 2003; Pág. 140)³⁸, dirá Heidegger. Esta relación se compone principalmente de la experiencia poética con la palabra (por la cual el pensamiento es capaz de comprender la proximidad que existe con la poesía) y se constituye como el estado de máxima esencialidad que podemos alcanzar a partir de ella.

Ese sería el camino, que el poeta recorre con el fin de percibir esta relación esencial entre poesía y pensamiento, sin embargo, ese andar no es exclusivo del poeta y si de todos en general, a pesar que muchas veces no somos capaces de percibirlo, nos concierne de todas las formas posibles.

Aceptando el misterio de esa relación, el poeta (y nosotros también) hace una renuncia de sí mismo, puesto que entregándose a la palabra se compromete firmemente con ella, como lo único capaz de nombrar el ser de las cosas y los entes del mundo.

Un pensamiento importa, cuando parte de lo esencial del lenguaje que se le presenta como un consentimiento y sus posibilidades de logro o falla, dependen de esa circunstancia.

³⁸ **Ibídem.** En la versión en portugués, se lee: “*A essência da linguagem: a linguagem da essência*”, Pág.140.

Heidegger explica esa relación esencial en términos de *logos*, como una de las primeras cosas que el pensamiento occidental colocó en palabras. Sin embargo, ni la experiencia poética con la palabra ni la pensante con el decir, son capaces de traer para el lenguaje mismo su esencia, puesto que continúa siendo un misterio velado

Y eso, no obstante, desde los tiempos más remotos del pensamiento occidental hasta el tiempo tardío de la poesía de Stefan George, el pensamiento ha tejido tantos pensamientos profundos sobre el lenguaje y la poesía ha poetizado cosas extraordinarias en el lenguaje (HEIDEGGER, 2003; Pág. 144)³⁹

La esencia del lenguaje, normalmente se niega venir a su aperturidad, pues permanece oculta en un “misterio velado”. Sin embargo, la proximidad entre poesía y pensamiento, tiene voz propia, que da noticia de la cercanía y forma en que habitan una al lado de la otra, volviéndose a su presencia a cada momento. Nos movemos en esa proximidad, sin ser conscientes de ello, debido a que perdimos de vista la influencia que ejerce en nosotros, esta cercanía es en la cual vagamos y difícilmente, nos interesamos en adquirir esa conciencia.

La palabra es la encargada de llevar cada ente a su “ser” y hacerle corresponder con su esencia no como mera “relación causal”, sino más bien como aquello que le sostiene y promueve en la garantía de su existencia, sin ella, la cosa no existe, quedando sin “posibilidades ontológicas”, lo cual es muy difícil de sostener, como habíamos mencionado anteriormente, no solo ello resulta absurdo, sino que también, el hecho de afirmar que la palabra además de sustentar la relación con algo, le soporta y refiere tornándose la relación misma, pues en realidad marca su esencia, pero no se torna la relación misma.

³⁹ HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Traducción de Márcia Sá Cavalcante Schuback Petrópolis, RJ: vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária, San Francisco, 2003, En la versión en portugués, se lee: “*E isso, não obstante, desde os tempos mais remotos do pensamento ocidental até o tempo tardio da poesia de Stefan George, o pensamento ter tecido tantos pensamentos profundos sobre a linguagem e a poesia ter poetizado coisas extraordinárias na linguagem*”, Pág. 144.

No tenemos más salida, que regresar a nuestra morada en esa proximidad, la cual posibilita toda experiencia con el lenguaje, en tanto que poesía y pensamiento, son los elementos primordiales de esa relación. Debemos pensar (o al menos deducir en base a su reflexión) cuál es el elemento en el que se mueven, Heidegger dirá que es el decir ya que en él circula también el pensamiento y aludiendo la poesía, viene también a colación, pero ¿en base a que afirma esa inseparabilidad?, esa cuestión no nos queda muy clara aún.

Pero poesía y pensamiento, no se mueven únicamente en el ámbito del decir del lenguaje tal como Heidegger afirma, sino además, en las múltiples experiencias que se hacen a partir de él, puesto que por ello les radicaliza a través de lo que llama “saga del decir”, sobre ella afirma

La saga del decir es el mismo elemento tanto para la poesía como para el pensamiento, aunque el modo de ser "elemento" sea tan diferente para uno y para el otro, así como el agua es elemento para el pez y el aire para el pájaro (HEIDEGGER, 2003; Pág. 147)⁴⁰

El decir poético, se presenta ante nosotros como escucha y renuncia, de manera que, pensándolo, nos colocamos en la proximidad de poesía y pensamiento aunque solo de forma somera, sin hacer una experiencia de ella como tal, sino sólo de forma aproximada, comprendiéndolo como un elemento esencial y necesario.

⁴⁰ **Ibídem.** En la versión en portugués, se lee: “A saga do dizer é o mesmo elemento tanto para a poesia como para o pensamento, embora o modo de ser “elemento” seja tão diferente para um e para outro como a água é elemento para o peixe e o ar para o pássaro”, Pág. 147.

Hablamos desde el lenguaje y no sobre él, aunque parezca que lo hacemos, apenas le invocamos y damos cuenta que su esencia y vigorar se deja decir como totalidad, trayendo como consecuencia, la deducción de hace Heidegger, en la cual relaciona el ser de la cosa con la palabra.

Tomándolo desde esa perspectiva, palabra y cosa podrían ser elementos diferentes, no sin su respectiva referencia, puesto que es ella la que indica la diferencia en su relación, si la palabra es el destino que *da a los entes el don del lenguaje denominador e inaugural*, no se encuentra ningún lugar donde ello acontece, por tanto, su afirmación según la cual (la palabra) es la encargada de nombrar el ser del ente deja de tener sentido, pues no se encuentra por ningún lado, la significancia que le confiere.

Pero si el “tesoro” que la palabra es para Heidegger, no se encuentra en la tierra del poeta; ni en el ámbito del pensamiento, podemos afirmar que ello suena un poco contradictorio, puesto que ya nos había dicho que su lugar era el ámbito de la palabra poética.

La experiencia poética que se hace con la palabra es fundamental, pues es la directriz más importante y significativa de nuestra relación con el lenguaje. La palabra por tanto, se entrega como una donación concediendo algo que es en realidad una concesión nuestra. Comprendiendo correctamente esa donación, apelamos desde la experiencia poética, con la certeza que lo dado a través de ella, es el ser de lo que se nombra y el modo cómo se nombra.

La palabra, no es nunca, una incapacidad del decir, puesto que tanto el poeta como nosotros, la tomamos como punto de partida, sin "abdicar" de ella y a pesar de que se oculta, es apropiada por el reflexionar poético que le canta, cuestiona poéticamente y des oculta de su misterio.

Poesía y pensamiento se encuentran en mutua referencia, y a pesar de ultrapasar sus caminos y contradecirse internamente, son inseparables y congéneres, fundamentando la relación esencial de la cual nos habla tanto. Heidegger lo explica así

La proximidad de poesía y pensamiento no es el resultado de un proceso en el que -sin que se sepa de dónde- poesía y pensamientos se vuelven el uno para el otro en la proximidad, que solo ahí surge como proximidad. La proximidad que aproxima, es ella misma el acontecimiento apropiador, en el cual poesía y pensamiento, son remitidos a lo propio de su esencia, de su vigor (HEIDEGGER, 2003; Pág. 153)⁴¹.

Poesía y pensamiento, no se pertenecen a partir de una separación o corte, sino por su relación respecto al lenguaje y comprendiendo ese hecho, podremos alcanzar nuestra humanidad y reivindicación con él, pero ¿realmente, llegaremos a comprenderlo algún día, sin ser siquiera conscientes de ello? es esa la gran interrogante que se nos plantea. Heidegger retoma el concepto de *Tao* (Lao-Tse, *Tao te ching*) del pensamiento oriental, para explicar el camino que lleva al lenguaje. Esa forma conceptual aduce según él, a la idea de una senda, a partir de la cual resulta fácil entender lo que esencia, razón, espíritu, sentido y logos deben ser para nosotros, a partir de su vigorar propio, “Poesía y pensamiento son formas de la saga del decir” (HEIDEGGER, 2003; Pág. 156).⁴²

⁴¹ HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Traducción de Márcia Sá Cavalcante Schuback Petrópolis, RJ: vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária, San Francisco, 2003, en la versión en portugués, se lee: “*A vizinhança de poesia e pensamento não resulta de um processo em que - sem que se saiba de onde - poesia e pensamento se voltam um para o outro na proximidade, que só ali surge como proximidade. A proximidade que aproxima é ela mesma o acontecimento apropriador em que poesia e pensamento são remetidos ao próprio de sua essência, de seu vigor*”, Pág. 153.

⁴² **Ibídem**. En la versión en portugués, se lee: “*Poesia e pensamento são modos da saga do dizer*”, Pág. 156.

Al hablar de experiencia con el lenguaje, Heidegger busca aquello que la tradición filosófica antigua llamo *to ti estin* (en la tradición posterior a Platón) el ser-eso (*quiddidade*), la *essentia* de las cosas que pronto comenzó a ser conocida dentro de la tradición filosófica occidental tan barruntada, como concepto, es decir, la representación intelectual y formal a través de la cual podemos disponer de una cosa para aprehender lo que ella es, siendo lo que nos debe tocar y mover como mortales, lo vigoroso y persistente que mora en el lenguaje.

El lenguaje, acontece en todos los momentos de la historia humana, presentado por las “ciencias” del lenguaje, como un fenómeno mecánico y fisiológico en nosotros, aludiendo únicamente a su carácter de *glosa (lengua)*, es por ello que fue siempre experienciado, representado y determinado por el pensamiento occidental de esa forma, por ello, entendemos que el lenguaje es la ‘lengua’ y Heidegger piensa que eso es cierto de algún modo.

En el lenguaje (utilizando palabras bastante poéticas), la tierra florece en dirección al revénto del cielo. La única palabra (del poeta o de nosotros los hombres) que no puede ser olvidada, es la que se trae a sí misma a su aparecer, es decir, la que hace una experiencia pensante con el lenguaje y coloca su esencia ante nosotros.

Sin sustentarse en los mismos parámetros espacio-temporales del mundo, la proximidad entre poesía y pensamiento, se encuentra dentro de él, pero fuera al mismo tiempo, pues es una esencialidad. Hablamos únicamente en la medida que nos correspondemos con el lenguaje, siendo ella la que permite toda forma de discurso.

Pero el habla, no sirve solo para comunicarnos, sino que además, hacemos una experiencia de la muerte como sí misma a través de ella, posibilidad ausente en los animales puesto que no “hacen uso del lenguaje verbalizado ni del habla”, es importante aclarar, que esto sería apenas una diferencia mínima, si tomamos en cuenta los grados de conciencia (en los animales como seres somáticos) de los que podríamos hablar.

Antiguamente, el decir era un dejar aparecer, resultado de la contemplación de aquellos que eran capaces de decir y escuchar la intimidad de la lucha entre hombres y dioses, puesto que la palabra buscaba develar sus secretos.

La palabra es una proyección en el “paisaje experiencial del poeta”, la cual le permite renunciar a sí mismo a partir de ese decir, “mediante su fuerza de presentación, los nombres testimonian su poder paradigmático sobre las cosas” (HEIDEGGER, 2003; Pág. 178)⁴³, afirma.

El poeta (afirma) hace poesía a partir de una “reivindicación” de nombres y no consigue crear sobre cosas que no han venido a la presencia en el mundo, esto suena contradictorio, pues dijo que el poeta dispone de una libertad creadora, consistente en traer de la imaginación todo el ensueño de su mundo, ¿a dónde queda esa libertad?, ¿es limitada?, es un tema que nos plantea muchas interrogantes.

Para encontrar una posible respuesta, podemos decir que la morada o refugio del poeta, es en realidad una “frontera” en la cual éste goza de cierta libertad, pero al mismo tiempo, en ella se contiene y delimita su mundo de creación. Si el poeta renuncia a la palabra, como el modo que presenta al ente y le posiciona en su expresión poética, el poema es una señal o aviso para nosotros, que debe ser percibido con la debida atención, en este sentido, el poeta es un mensajero.

⁴³ HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Traducción de Márcia Sá Cavalcante Schuback Petrópolis, RJ: vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária, San Francisco, 2003, en la versión en portugués, se lee: “*mediante essa sua força de apresentação, os nomes testemunham seu poder paradigmático sobre as coisas*”, Pág. 178.

Parafraseando a Heidegger, podemos decir que la palabra no es lo que fundamenta a cabalidad el ser de las cosas, sino que más bien, lo que les deja actuar en su eficacia propia y divagar en su identidad, por ello, es en realidad, “el tesoro que la tierra del poeta jamás consigue encontrar, es decir, la que define la esencia del lenguaje” (HEIDEGGER, 2003; Pág. 187)⁴⁴. Debemos “dejarnos decir” por el poeta, escuchar su canto al unísono de otros dignos de ser escuchados y pensados, es decir, la poesía y sus diversos modos de decir.

Ese proceso, implica pensar desde la poesía y su escucha, por ello, deducimos que el poetizar es decir esencial y pensamiento, ambas cosas a la vez. Nuestro destino, se inscribe desde siempre en la poesía y el pensamiento, sin embargo, no somos conscientes de ello o simplemente no nos importa.

Heidegger, usa la palabra *Logos*, para conceptualizar el decir, el ser y la vigencia del vigotar, a pesar de que esos elementos, se pertenecen de modo velado y restringido, poco pensado e incluso dejado de lado en su correspondencia fundamental.

Podemos decir además, que poesía y pensamiento, son la “extraordinaria saga del decir” de la cual Heidegger habla, puesto que ambos, son responsables de traer a nuestro pensamiento, lo que es digno de ser pensado, articulado en su afinidad.

⁴⁴ **Ibidem.** En la versión en portugués, se lee: “*O tesouro que a terra do poeta jamais consegue encontrar é a palavra para a essência da linguagem*”, Pág.187.

2.3 EN EL CAMINO HACIA EL LENGUAJE

Vamos a hablar, sobre cuál es ese "camino hacia el lenguaje" del cual habla Heidegger, dejando clara nuestra posición y el modo en que nos impele a través de la experiencia que hacemos con él, le hemos descrito, ahora debemos mostrar ese camino mencionado. Por otro lado, si partimos de la observación de cómo le recorremos, debemos alcanzar la comprensión del modo en el cual, puede confiarnos su rareza y ocultamiento, si anteriormente hablamos de hacer una experiencia con el lenguaje, debemos meditar ahora, sobre la que se hace con el camino que conduce a él, pues *contiene el designio de su esencia*, algo fundamental para la comprensión del pensamiento de Heidegger respecto al tema que nos compete.

Heidegger hace una primera observación importante, en la que afirma resumidamente que somos en y por el lenguaje de forma inevitable, por tanto, no hace falta que busquemos un camino para encontrarle, si en realidad estamos en él desde siempre, este únicamente se trae a sí mismo para venir a nuestra presencia.

Lenguaje y habla, son capacidades propias de nosotros, no aseguradas, pues podemos perderlas en cualquier momento. El 'silencio' como "emisión ausente de sonidos orales", únicamente calla, es sinónimo de incapacidad de hablar, pero aun en esa mudez, se puede tener una experiencia con el lenguaje.

La comunicación verbalizada y articulada a través de sonidos, no es la única posibilidad de comunicación, pues callando o hablando, siempre decimos algo. Los sonidos, las letras del alfabeto y los fonemas, son disposiciones del alma que se muestran junto a las cosas que les conciernen y su sentido radica, en la relación signo-designante (referencia que no se establece nunca por sí misma) como un mostrar.

La idea de signo como *semeion* que retoma Heidegger, proviene de la Filosofía Clásica Griega, en la que se entiende el mostrar como lo que posibilita su carácter 'designante'. Pero el acto de 'designar', no debe entenderse como un dejar aparecer y Heidegger fallaría al verlo de esa forma, pues ello deja su pensamiento incompleto, porque sobre la base de la esencia de la verdad, el signo deja de ser lo que se muestra, para convertirse en lo que es designado, por tanto, la experiencia con los entes es una vigencia, en la que el lenguaje mismo es llevado a la presencia de lo que acontece.

No es de extrañar, que la tradición filosófica partiendo de esas visiones, dio carácter de representatividad al habla y el lenguaje fue explicado, como una articulación de sonidos portadores de sentido, de ello Heidegger rescata el hecho de que "hablar es un modo de actividad humana" (HEIDEGGER, 2003; Pág. 195)⁴⁵ y lo usamos para construir nuestra vida y nuestra existencia. El lenguaje y su capacidad instauradora, cumple un papel fundamental en la construcción de la evolución humana y su historia, pues es una visión de mundo elaborada por nuestra subjetividad y por ello, podemos atribuirle esa importancia. Heidegger hace referencia a la teoría lingüística del filósofo alemán Wilhelm von Humboldt en el texto "*A caminho da habla*", la cual propone la comprensión del lenguaje como una actividad y no como un sistema acabado, él lo explica así

Debemos considerar el lenguaje, no como una producción muerta (*totdes Erzeugtes*), pero sobre todo, como una producción (*Erzeugung*) (...), En sí mismo, el lenguaje no es un producto (*Ergon*), pero si una actividad (*energeia*) (HUMBOLDT, 2009; Pág. 194)⁴⁶

⁴⁵ HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Traducción de Márcia Sá Cavalcante Schuback Petrópolis, RJ: vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária, San Francisco, 2003, En la versión en portugués, se lee: "*falar é um modo de atividade humana*", Pág. 195.

⁴⁶ VON HUMBOLDT, Wilhelm, **Sobre pensamento e linguagem**. traducción y presentación de Antonio Ianni Segatto, Trans / Form / Acción, Sao Paulo, 32 (1) :. 193-198, 2009, En la versión en portugués, se lee: "*é preciso considerar a linguagem não como um produto morto (totdes*

Según Heidegger, ella da nuevas luces para comprender la relación entre palabra y pensamiento, pues al tomar un camino hacia el lenguaje y dirigirlo a nosotros, funda y presenta nuestro desarrollo espiritual, permitiendo la experiencia con el lenguaje como tal, antes de cualquier intento de esclarecimiento, solo puede experimentarse.

Lo que sí podemos y debemos hacer, es explicar el lenguaje tal cual es, sin remitir su esencia a otra cosa, puesto que dialoga constantemente para sí, no se encuentra en una relación de causa y efecto respecto a nosotros como hablantes ya que nos pertenece de forma esencial, en él nos hacemos vigentes.

Por el habla, nos hacemos vigentes para nosotros mismos y los demás, imponiéndonos a través de ella. Sin embargo, decir y hablar no son la misma acción, pues la primera es un no silenciar sustancial y la segunda puede llegar a ser una mera repetición de sonidos sin contenido, por otro lado, el silencio a pesar que no articula palabras puede decir bastante, sería por así decirlo, una “voz” del silencio, que en esa circunstancia, afirma muchas cosas fuera de nuestro alcance a veces, algo así como mirar a los ojos a una persona que no dice nada, pero en la profundidad de sus ojos y contemplar sus pensamientos pueden gritar lo que no articula a través de sonidos.

Pertenecemos al lenguaje, pues es parte de nuestra esencia, no podemos estar fuera de él, escuchamos por todas partes su voz, “El lenguaje permanece indiscutiblemente ligado al habla humana” (HEIDEGGER, 2003; Pág. 204) ⁴⁷ afirma Heidegger, por tanto, de forma decisiva, su camino no aparece como algo fuera de sí mismo, él mismo es el camino, afirma de forma muy contundente.

Erzeugtes), mas, sobretudo, como uma produção (Erzeugung) (...) Em si mesma, a linguagem não é um produto (Ergon), mas uma atividade (Energeia)”, Pág. 194.

⁴⁷ **Ibídem.** En la versión en portugués, se lee: “*A linguagem permanece indiscutivelmente ligada à fala humana*”, Pág. 204.

La reflexión que propone Heidegger (y esto es muy destacable a mi parecer) consiste en colocarnos delante del camino que conduce al lenguaje como ya estando en él, a pesar que nuestra mente concibe una separación, alcanzados por él, es que obtenemos el habla y su escucha.

El *acontecimiento apropiador*, confiere una morada en su esencia, para nosotros, debemos hablar sobre él, este concepto, es una evolución en el pensamiento de Heidegger, el cual introduce en el texto *Tiempo y Ser*, nombrándolo como *Ereignis* y que se inscribe propiamente en el llamado giro de su filosofía. Este concepto, es marcado por él, como la evolución o un paso más allá del *Dasein*, sumergido en la temporalidad (en todos los momentos de *Ser y Tiempo*, vemos que la constitución ontológico-existencial de la totalidad del ser-ahí (*Dasein*) como acostumbramos a traducir ese término, tiene su fundamento en la temporalidad), pero en esta etapa de su pensamiento, su preocupación no se concentra más, en la del ente constitutivamente mundano y moribundo, anclado en la finitud, sino, el ser caracterizado prioritariamente como presencia, acompañado de algo aún más insondable y enigmático que llama acontecimiento apropiador (*das Ereignis ereignet*), y este es, lo que nos permite ser hablantes. Este acontecimiento, concibe nuestro decir como una respuesta (*Antwort*), sería como lo explica a continuación,

La mirada apropiadora del vigilar humano, el acontecimiento apropiador (la palabra alemana Ereignis, acontecimiento apropiador, es una palabra bastante común en el alemán y significa comúnmente acontecimiento, evento. La palabra se compone de er= prefijo de intensificación y eigen= propio. El verbo ereignen significa tornar propio, apropiar.

La palabra Ereignis se asocia en su etimología, a la antigua palabra *Eraugen*, Ereignis, término usado por ejemplo por Herder, que se compone de er= el mismo prefijo de intensificación y augen, verbo formado a partir de Auge que significa ojo, mirar. (N.daT.) torna los mortales propios porque apropiados para lo que, proveniente de cualquier parte en la saga del decir, se consiente al hombre, asintiendo lo que se vela (HEIDEGGER, 2003; Pág. 209) ⁴⁸.

La formulación de Heidegger, *traer el lenguaje como lenguaje para el lenguaje*, parece una redundancia, sin embargo, contiene una declaración muy importante para nosotros que pensamos en el lenguaje y pretendemos “habitar su esencia”.

Asimilando la *esencia calculadora de la técnica* como forma de vida, caemos en una cierta decadencia, pues perdemos gradualmente nuestro “*lenguaje natural*” y el habla se vuelve superficial, uniformizada con una programación que no es natural. La técnica es de muchas maneras, responsable de que perdamos conciencia sobre nuestro rol frente al lenguaje, no es él en sí el que decae, sino más bien, lo que la idea de la técnica moderna inaugura, un lenguaje artificial, superficial y decadente en muchos sentidos, ella provoca muchas veces nuestra destrucción, a pesar de que Heidegger insiste, que en ella reside también nuestra “salvación”.

⁴⁸ HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Traducción de Marcia Sá Cavalcante Schuback Petrópolis, RJ: vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária, San Francisco, 2003, en la versión en portugués, se lee: “O olhar apropriador do vigor humano, o acontecimento apropriador (a palavra alemã Ereignis, acontecimento apropriador, é uma palavra bastante corriqueira no alemão e significa comumente acontecimento, evento. A palavra é composta de er= prefixo de intensificação e eigen = próprio. O verbo ereignen significa tornar próprio, apropriar. A palavra Ereignis está associada, em sua etimologia, à antiga palavra Eraugen, Ereignis, termo usado por exemplo por Herder, que se compõe de er = o mesmo prefixo de intensificação e augen, verbo formado a partir de Auge, que significa olho, olhar. (N.daT.)) torna os mortais próprios porque apropriados para o que, vindo de qualquer parte, na saga do dizer, se consente ao homem, acenando para o que se vela”, Pág. 209.

Nuestra capacidad de hablar, reside en la escucha que Heidegger llama “saga del decir”, pues a partir de ella, podemos verbalizar todo lo que precisa ser dicho, Heidegger hace una exploración de ello en el siguiente párrafo

Para ser lo que somos, permanecemos entregados al vigorar del lenguaje, sin poder salir de él, para que podamos visualizar esa fuerza sobre otro prisma. Es por ese motivo, que vislumbramos el vigorar del lenguaje a medida que nos mira, guardándose y apropiándose de nosotros (HEIDEGGER, 2003; Pág. 214) ⁴⁹.

Podemos decir que es (la escucha) el modo como se comunica el acontecimiento apropiador y pregonar una melodía o música (el canto de la poesía), por ello, es la encargada de propiciar, mantener y sustentar nuestro destino histórico.

Nuestra relación con el lenguaje, se determina a partir del modo como nos recomendamos a la saga del decir en cuanto pertenece al acontecimiento apropiador, en esa expresión, Heidegger encuentra el sentido de todo discurso que se fundamenta en el habla.

Hablamos sobre el lenguaje y el camino que nos conduce a él, propósito central de esta sección, hacer un análisis muy inacabado y somero. Es momento de hablar sobre la poesía, fijando nuestra atención en una cuestión crucial para el tema que nos compete, la relación de esta con el pensamiento (filosofía), punto central de nuestra discusión, por ello debemos destacar las palabras de Heidegger, “...todo pensamiento de sentido es poesía y toda poesía es, por lo tanto, pensamiento” (HEIDEGGER, 2003; Pág. 215) ⁵⁰

⁴⁹ **Ibidem.** Traducción de Marcia Sá Cavalcante Schuback Petrópolis, RJ: vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária, San Francisco, 2003, en la versión en portugués, se lee: “*Para sermos o que somos, nós humanos permanecemos entregues ao vigor da linguagem, sem dele nunca podermos sair de maneira que pudéssemos vislumbrar esse vigor sob um outro prisma. É por isso que só vislumbramos o vigor da linguagem à medida que a linguagem nos olha, nos guarda e de nós se apropria*”, Pág. 214.

⁵⁰ HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem.** Traducción de Marcia Sá Cavalcante Schuback Petrópolis, RJ: vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária, San Francisco, 2003, en la versión en portugués, se lee: “*...todo pensamento do sentido é poesia e toda poesia é, porém, pensamento*”, Pág. 215.

Dedicare dos capítulos más, para meditar en torno a la concepción poética de Heidegger y la relación de ella, con los poetas que según él, representan de forma acabada el venir a la aperturidad del ser, a través de su decir poético, hablaremos de Rainer María Rilke y otros (que solo mencionaré de manera general) como el expresionista austríaco Georg Trakl, finalmente, hablaré sobre su relación con la poesía del alemán Friedrich Hölderlin, siguiendo la línea de su conferencia *Hölderlin y la esencia de la poesía*, en la cual le exalta al punto de colocarle en la posición de “poeta de poetas”, a pesar de que él mismo advierte, no representó a cabalidad la esencia de lo que a él le interesa como filósofo.

3 HEIDEGGER Y EL PENSAMIENTO POÉTICO DE RAINER MARÍA RILKE Y OTROS POETAS IMPORTANTES

Heidegger, en su reflexión sobre la poesía y el pensamiento poético, no exalta únicamente a Hölderlin, por tanto, no podemos limitar nuestro estudio a hablar de él, a pesar de que nos hemos concentrado primeramente en ese poeta de la poesía que es, a sus ojos, Hölderlin (por un “nacionalismo alemán” impuesto por conveniencia o por convicción ideológica genuina), por ello, hablaremos de la importancia que tiene para él, la poesía y el pensamiento poético de Rilke y Georg Trakl, por los cuales siente una profunda admiración, haciéndoles objeto de reflexión en los «comentarios» de sus *Erläuterungen* (interpretaciones en torno a la poesía de Hölderlin).

El texto *¿Y para qué poetas?* (conocido también como «¿Para qué poetas en tiempos de miseria?», o «Para qué poetas en tiempos de penuria»), es dedicado casi en su totalidad, a analizar el pensamiento poético de Rilke y el modo como aborda la idea de riesgo, a la cual el poeta se somete al entregarse de lleno a su tarea de “poematizar el mundo” pues en su decir “arriesga mucho”, incluyendo el ser propio y su vida. Pero para Heidegger, Rilke es un poeta que permanece adherido a la metafísica, atrapado y coaccionado por ella, recordando que en el meollo de la historia de la poesía occidental, se adscribe en todo momento, la historia de occidente, que es al mismo tiempo la historia de una metafísica que olvido el ser. Sin embargo, en la lectura que hace de la poesía de Rilke, subyace una crítica profunda, pues le considera como portador y vocero de una época que abre un paraje poético, dominado por la llegada de una “noche del mundo”, llena de penuria y decadencia, que inaugura un <<atardecer del mundo>>, esta crítica, se basa en el hecho de la interpretación arbitraria que generalmente se hace en torno a él, la cual le toma como un portavoz de su propia visión de la historia y la modernidad, a partir de presupuestos teóricos propios de la metafísica occidental.

En una primera aproximación, Heidegger presenta la poesía de Hölderlin, como un “sublime” desdoblamiento de nuestra esencia, pues parte de la proximidad e intimidad entre lenguaje, poesía y humanidad, que son muy importantes para él. En la poesía de Rilke, sin embargo, se va tras una “visión de lo abierto” en la “mirada” del hombre y los demás seres vivos, lo cual provoca, una especie de “exégesis” entre ambas formas de hacer poesía, esta visión, es muy importante para poder alcanzar una visión crítica en el análisis que nos compete y el modo que Heidegger aborda las diversas “poesías” por decirlo de alguna manera, tomando en consideración que al elegir a un poeta como principal y por encima de los otros, Heidegger realiza una acción “anti-poética”, pues expulsa a los demás de la ‘polis del ser’ (siguiendo como base el discurso que hace Platón en el libro X de la “República”).

Según el texto (¿Y para qué poetas?), la poesía de Rilke se resume, en dos pequeños volúmenes, *Elegías de Duino* y los *Sonetos a Orfeo* (en la página 203 del mismo, inicia su interés en el poeta a partir de un somero análisis de su decir). Rilke, es un “poeta de la penuria” afirma Heidegger, pues a través de su poesía, apertura y anuncia, la penuria del tiempo que experimentamos a través de nuestra vida, no solo a partir del momento que nos damos cuenta, de estar arrojados y abandonados en el mundo sin protección alguna, no conocemos bien nuestra mortalidad ni estamos capacitados para ello. La forma de “muerte del hombre” que Rilke pregona en su poesía, se refugia en lo “enigmático” del mundo, como espacio en el que las cosas nos son vedadas, especialmente su esencia propia, pues al igual que Heidegger, coincide en el hecho de que no estamos en posesión de nuestra esencia, esa sería la principal lección extraída de la tradición metafísica occidental, que usa un lenguaje reductivo para describir el ser y la esencia que nos corresponde.

En sus “Sonetos a Orfeo” (en el XIX específicamente), Rilke nos lo explica de la siguiente manera: *Aunque veloz el mundo cambie como formas de nube, lo terminado cae a su tierra natal. Sobre este cambio, este andar, más libre y más extenso, dura aún tu pre-canto, dios de la lira. No se conocen los males, no se aprendió el amor, ni aquello que en la muerte nos aleja está desvelado. Tan sólo sobre el campo la canción santifica y celebra*⁵¹.

Es importante aclarar, que la poesía de Rilke, su pensamiento y la relación sustancial con el ser, como palabras clave de su pensamiento, sólo se pueden comprender a partir del ámbito desde el que han sido dichas, es decir, el de la metafísica occidental que nos llega de forma directa o indirecta (dirá Heidegger) a través de la filosofía de Nietzsche que es su consumación clave, sin embargo, la comprensión y estancamiento de esa tradición, es la misma que atrapa el pensamiento de Heidegger y “desoculta a lo ente” en la consumación de su auto comprensión.

Para Heidegger, en la adecuada comprensión de este ámbito, radica la interpretación de la poesía de Rilke y cualquier otro poeta, partiendo del hecho que la constitución y unidad metafísica de su esencia misma, no ha sido suficientemente pensada, pues apenas estamos, en la cercanía del decir del ser, por ello, no se “arriesga” a interpretar sus elegías y sonetos. Su poesía, sin embargo, está por detrás de la de Hölderlin, pues el “poeta por excelencia” no puede ser superado.

⁵¹ Rainer María Rilke. **Elegías de Duino, Los Sonetos a Orfeo**, Edición de Eustaquio Barjau, Ediciones Cátedra, S. A., 1987, introducción y notas de Eustaquio Barjau, Editorial Don Ramón de la Cruz 67, 28001, Depósito legal: M. 28.672-1987, ISBN: 84-376-0687-X, Madrid España, Pág. 153.

Su poesía, es de “riesgo”, tal como reza en este poema, extraído de sus <<versos improvisados>>: *Cómo la naturaleza abandona a los seres al riesgo de su oscuro deseo sin proteger a ninguno en particular en el surco y el ramaje, así, en lo más profundo de nuestro ser, tampoco nosotros somos más queridos; nos arriesga. Sólo que nosotros, más aún que la planta o el animal, marchamos con ese riesgo, lo queremos, a veces (y no por interés) hasta nos arriesgamos más que la propia vida, al menos un soplo más ... Eso nos crea, fuera de toda protección, una seguridad, allí, donde actúa la gravedad de las fuerzas puras; lo que finalmente nos resguarda es nuestra desprotección y el que así la volviéramos hacia lo abierto cuando la vimos amenazar, para, en algún lugar del más amplio círculo, allí donde nos toca la ley, afirmarla*⁵².

El anterior poema, nos brinda una visión, sobre el elemento que según Rilke fundamenta nuestro ser y el de los demás entes, el cual es, la naturaleza, aplicada a todos sin excepción, por ello, estamos sujetos a las mismas leyes que se aplican a toda forma de vida, afirma en sus sonetos.

Ahora bien, a diferencia de los animales y las plantas, poseemos un elemento que nos caracteriza y diferencia, el cual nos brinda libertad y disponibilidad para “ser mucho más allá de nuestras meras posibilidades”, este es la voluntad y Rilke le brinda mucha importancia en su pensamiento poético. Heidegger concibe la naturaleza en términos de *Physis*, representada biológicamente como aquello que surge y brota de la naturaleza sin un origen específico, pero también, alude a un “humanismo” y cierto antropocentrismo, al afirmar que la naturaleza solo es un fundamento originario, en la medida que fundamenta lo que somos nosotros mismos en cuanto entes, que es un “estar arrojados” al riesgo mismo del ser, puesto que es la medida de todo lo que es.

⁵² Heidegger, Martín. **Caminos de bosque**, Versión de Helena Cortés y Arturo Leyte, Colección el libro universitario, de la traducción: Helena Cortés y Arturo Leyte, Alianza Editorial, S. A., Madrid, 1995, 1996, 1997, 1998, 2000,2001,2003,2005, 2008, 2010, Pág. 205.

En su pensamiento poético, Rilke entiende la naturaleza como riesgo y por ello, según Heidegger, no consigue escapar de la metafísica tradicional y sus conceptos, pues le representa a partir de la “esencia” de la voluntad y no de ella misma. Ahora bien, si todos los seres de la naturaleza, considerados como entes, se exponen al riesgo (por decisión propia en el caso de nosotros) y no le somos “más queridos” de ninguna manera, debemos afirmar, que todo se encuentra introducido en la totalidad y fundamento de esa voluntad, que siempre será pensada estando en riesgo.

Es importante aclarar, por otro lado, que no formamos parte de las cosas cotidianas y habituales (“las cosas de mucha costumbre” como Rilke les llama), pues en la octava de sus *Elegías a Duino*, explica la relación que mantenemos nosotros y los demás seres vivos, con lo abierto, que es para Rilke, modos de conciencia, “Con 'lo abierto' no me refiero por tanto a cielo; aire y espacio; para el que contempla y juzga éstos también son 'objetos' y en consecuencia 'opacos' y cerrados. El animal, la flor, son presumiblemente todo aquello sin darse cuenta y por eso tienen ante ellos y sobre ellos esa libertad indescriptiblemente abierta que tal vez, sólo tenga equivalentes (muy pasajeros) en los primeros instantes de amor -cuando un ser humano ve en otro, en el amado, su propia amplitud- o en la exaltación hacia Dios”⁵³.

Podemos deducir a partir de esta lectura, una fuerte crítica de Heidegger a Rilke, pues ve que la esencial y originaria “claridad del ser” de la cual habla, se encuentra lejos de su poesía por la fuerte influencia de una “dulcificada” metafísica nietzscheana en la construcción de sus ideas.

⁵³ Carta escrita por él a un lector ruso, que le había hecho preguntas sobre su octava elegía, en su último año de vida (25 de febrero de 1926) (vid. M. Betz, «Rilke in Frankreich. Erinnerungen-Briefe-Dokumente», 1938, p. 289).

Pero Rilke, insiste en el riesgo, pues es central en su pensamiento poético, es la única explicación que encuentra, para analizar nuestra marcha y la relación que establecemos con los demás seres carentes de voluntad, pues no solo nosotros estamos expuestos al riesgo azaroso que viene, sino que además, le buscamos, “Sólo que nosotros, más aún que la planta o el animal marchamos con ese riesgo, lo queremos...”⁵⁴, resultado de la voluntad misma con la cual nos jugamos en el mundo, esa voluntad de la que habla, no es algo nuevo, sino que está presente desde siempre, sin embargo, debemos ver la diferencia, pues para Heidegger, es resultado de la imposición de una producción intencional o mandato humano, consecuencia de la esencia oculta de la técnica moderna, pero para Rilke, la voluntad es similar a la idea de *vis* interna usada por los medievales.

Entiendo que Rilke, se refiere a aquello que ve lo abierto como lo no objetivo de la plena naturaleza, cuando en realidad debería hablar de esa voluntad subyacente a sí misma como lo efectivamente objetivo y Heidegger desea entenderlo así, pues entrega nuestra voluntad a la reductibilidad de la técnica moderna. El riesgo del que habla Rilke, es requerido por nuestra voluntad, pues arriesgamos porque queremos, es difícil de comprender y hasta un poco absurdo, pero nos auto-imponemos eso de lo cual deberíamos huir. Heidegger utiliza este hueco en el pensamiento poético de Rilke, para hablarnos nuevamente sobre la técnica y su esencia, que sería esa voluntad que se autoimpone a nosotros, es decir, la “desprotección incondicionada sobre el fundamento de la aversión reinante en toda objetivación contra la pura percepción”⁵⁵ como la llama.

⁵⁴ Heidegger, Martín. **Caminos de bosque**, Versión de Helena Cortés y Arturo Leyte, Colección el libro universitario, Alianza Editorial, de la traducción: Helena Cortés y Arturo Leyte, Alianza Editorial, S. A., Madrid, 1995, 1996, 1997, 1998, 2000,2001,2003,2005, 2008, 2010, Pág. 214.

⁵⁵Ibidem. Pág. 218

Ahora bien, esa afirmación es a mi criterio bastante discutible, pues al afirmar que el riesgo es autoimpuesto, olvida que muchas veces parece que preferimos arriesgarnos, pero en realidad somos coaccionados por fuerzas que van más allá de la mera voluntad de querer o no, es por ello, que sería hablar en términos de separación y no de imposición de la voluntad. Pero Heidegger ve en ello un gran peligro, no solo para nosotros, sino también para el mundo, pues tenemos la creencia que la producción técnica le trae orden, cuando en realidad le amenaza de muchas maneras, destruyendo por completo el ámbito de posibilidades en las que podemos reconocernos como seres humanos.

Pensar en ello, implica estar en peligro de perder nuestro reconocimiento con el ser, es pues le pertenecemos y estamos en una relación esencial frente a ella. Están los que se atreven a conquistar el inaudito abismo del pensar poético, Heidegger dirá que son los poetas, sin embargo, Rilke lo generaliza a toda la especie humana, no solo a unos pocos y eso es muy importante, pues el riesgo siempre está con nosotros, bien afirma en sus versos, ...Sólo que nosotros, más aún que la planta o el animal, marchamos con ese riesgo, lo queremos...Y en la misma línea sigue así: ...a veces (y no por interés) hasta nos arriesgamos más que la propia vida, al menos un soplo más...La vida para Rilke debe ser explicada como naturaleza siendo lo ente en su ser, pues en ella radica la objetivación que nos coloca en peligro, Rilke da una interpretación diferente, partiendo de una subjetividad diferente a la reflexión de la metafísica contemporánea, sin embargo, no expande su decir fuera de lo que ella pretende decir. Las cosas producidas, están sujetas a sustitución y reposición, siendo lo propio en ellas, nosotros, sin embargo, no podemos ser sustituidos ni repuestos de nuestro ser, de ese modo, somos capaces de imprimir el sello de nuestra alma en nuestras disposiciones con el mundo, lo que Rilke llama modo de lo ente como tal, el riesgo, por tanto, atañe a todos los entes, a medida que son tal cuales, pero ¿y el ser? Heidegger le da mucha importancia y le coloca en una posición privilegiada, para Rilke en cambio, es el modo de lo ente como tal y no un modo especial diferenciado, que se arriesga al igual que los demás.

El ser de lo ente, se determina metafísicamente como una representación en nuestra conciencia y está en todas partes, a partir de su carácter inmanente y abierto, accesible a través del corazón, esta sería otra diferencia radical entre Heidegger y Rilke, pues para aquel, la lógica existe solamente dentro de la metafísica, sumergida en ella, mientras que, para Rilke, queda un espacio para la lógica del corazón, contrapuesta a la *res cogitans* racional. Rilke suele representar en sus *Elegías a Duino*, al ser como un Ángel, pensado a partir de la totalidad de lo ente, usando términos como <<lo abierto>>, «la percepción», <<la separación>>, «la naturaleza», a la vez que esta visión, la podemos equiparar a la del Zaratustra de Nietzsche, pues lo que nos muestra, es un desarrollo más originario de la esencia de la subjetividad, la cual Heidegger combate a cada momento con sus ideas.

Ahora bien, los poetas, no son los más arriesgados y en el poema de Rilke al cual hacemos referencia, cuando ellos arriesgan al “propio ente”, están arriesgando en realidad tan solo un poco más, *En verdad, cantar es otro soplo. Un soplo por nada. Un alentar en Dios. Un viento...*⁵⁶ como dice el poema, Heidegger dirá, sin embargo, que arriesgando de ese modo, nos colocamos en la desprotección hacia lo abierto, que en términos generales, debe entenderse como la naturaleza (*Physis*). Esos hombres selectos de los cuales habla Heidegger, arriesgan el “canto de los dioses”, desprotegidos en lo abierto de lo sagrado, por ello, son cantores de aquello que “salva”, llamados también por Hölderlin, <<poetas en tiempos de penuria>>.

⁵⁶ Heidegger, Martín. **Caminos de bosque**, Versión de Helena Cortés y Arturo Leyte, Colección el libro universitario, Alianza Editorial, de la traducción: Helena Cortés y Arturo Leyte, Alianza Editorial, S. A., Madrid, 1995, 1996, 1997, 1998, 2000,2001,2003,2005, 2008, 2010, Pág. 236.

Para estos hombres, la esencia de la poesía es algo cuestionable, pues va tras el rastro de lo que debe ser dicho, traído y desocultado, a través de lo salvo, en lo cual, Rilke encuentra el principio del camino poético, en el cual se escucha lo esencial y por el cual nos volvemos capaces de acceder nuestro destino, en el ser por el cual somos reclamados de alguna manera, en ese sentido, debemos afirmar que el ser nos lleva hacia su presencia, de alguna manera, nos busca, no solo nosotros a él.

Por ello, Rilke es el vocero de una nueva era, en la cual el ser es dicho por medio del oficio y la vocación de hacer poesía, anuncio central del “tiempo de penuria”, del cual hablan ambos. Ahora bien, este tiempo a pesar que es de penuria, no está en decadencia, pues se refiere más bien, a un cambio de mentalidad en nosotros, volviéndonos más conscientes de nuestro papel frente al mundo, es un cambio en sentido positivo, la postura de Heidegger en cambio, es más pesimista, pues cierra la cuestión de la penuria al discurso metafísico, diciéndonos que el “tiempo de penuria”, es el olvido del ser.

Vamos a cerrar este capítulo, aludiendo al sentido medular de la reflexión que pretendíamos hacer, conocer la perspectiva e importancia de la poesía de Rilke para Heidegger y conocer el modo como trae a la luz el ser de las cosas y los entes.

Vimos que es en verdad, poeta en tiempos de penuria, pues da una respuesta a la interrogante sobre cuál es el destino de la filosofía y el nuestro, a qué lugar pertenece el poeta y a partir de ahí, reflexionar hacia dónde se encamina su canto, pues el poema deja de estar adscrito a un momento de inspiración, a un instante de iluminación o de gracia, o a un suceso psíquico dentro del flujo temporal de nuestra vida íntima, por tanto eso no es fácil de recuperar por el lector —en ocasiones ni por el autor— pasando a ser algo idéntico a sí mismo, siempre a la mano, como un cuadro o una escultura (u otras manifestaciones artísticas) y tomando en cuenta que el contexto desde el cual el autor hace poesía, es diverso, debemos comprender la totalidad de su obra como un conjunto de relaciones y sistema de símbolos; contextuales y subyacentes a sus poemas, por ello, no es muy prudente afirmar que el poeta quede atrapado en un contexto “metafísico” como afirma Heidegger, pues lejos de continuar con la tradición metafísica, rompe con ella.

4 HEIDEGGER Y HÖLDERLIN: TRAS LA ESENCIA DE LA POESÍA

Vamos a dedicar este apartado, a analizar la relación de Heidegger, con el poeta que según él, revela el ser de las cosas con sus palabras. Pero antes, debemos explorar las razones por las cuales le eligió como el poeta más importante (el único que tiene la capacidad de mostrar la esencia de la poesía a través de sus palabras, pero como ya dijimos, realiza una acción contraria a la poesía al colocar a uno por sobre los demás) siguiendo la línea de cinco puntos centrales de su texto *Hölderlin y la esencia de la poesía* nos muestra uno a uno los motivos de su elección, no ligada únicamente al hecho de que era alemán y expresó un "*alto espíritu alemán*" en su poesía, sino principalmente, por el hecho que es el único que busca de manera "sincera", la esencia presente en todas las cosas, reflexionando de ese modo, se dirige a nosotros y a sí mismo, argumentando esas razones.

La historia clásica tiene muchos otros ejemplos de poetas que han buscado la esencia de la poesía de forma mucho más rica y basta que la creación poética de Hölderlin, interrumpida de forma prematura y abrupta, sin ser lo suficientemente comprendida, sin embargo, el poeta elegido es él. Heidegger, a su vez, cuestiona la posibilidad de poder inferir la esencia general de la poesía a partir de la obra de un solo autor, pues para ello, se necesita una muestra significativa de todas las formas y géneros poéticos posibles, ese análisis, solo se logra hacer, a través de la comparación de estos, cosa que Heidegger no realiza a cabalidad, pues explora únicamente la poesía alemana.

Heidegger, tiene razones suficientes para afirmar (y es muy admirable que lo haga) "La poesía de Hölderlin es sólo una entre muchas. De ninguna manera basta ella sola como modelo para la determinación de la esencia de la poesía" (HEIDEGGER, 1992; Pág. 127)⁵⁷.

⁵⁷ HEIDEGGER, Martin. *Hölderlin y la esencia de la poesía, Arte y Poesía*. traducción al español del texto original en alemán y prólogo de Samuel Ramos (Vittorio Klostermann GmbH de Frankfurt / Main *Hölderlin und das Wesen der Dichtung*, primera edición 1937, Última 1971), primera reimpresión argentina, Fondo de Cultura Económica, SA De CV, 1992, Pág. 127.

Debemos buscar por tanto, lo esencial de la poesía y mantenernos en sus dominios, por tanto, es un error pensar la "esencia de la poesía" como un concepto general y aplicarlo a cualquier forma poética, pues es imposible y Heidegger es consciente de ello.

Heidegger nos dice respecto a ello, algo muy importante

Hölderlin no se ha escogido porque su obra, como una entre otras, realice la esencia general de la poesía, sino únicamente porque está cargada con la determinación poética de poetizar la propia esencia de la poesía. Hölderlin es para nosotros en sentido extraordinario el poeta del poeta. Por eso está en el punto decisivo (HEIDEGGER, 1992; Pág. 128)⁵⁸.

Para poder dejar claro ese punto, debemos cuestionarnos de la siguiente manera, ¿puede el decir del poeta, llegar a ser algo desconcertante a pesar de llegar muy tarde y casi al final? y ¿Cómo a pesar de ello, comprender que es algo formal en la plenitud del mundo?.

Para poder alcanzar, profundidad sobre lo que estamos hablando y la forma a través de la cual, podemos llegar a la esencia de la poesía, estudiaremos las cinco palabras guías que mencionamos (pues no es posible hacer una descripción analítica de toda la obra de Hölderlin) y a partir de ellas, tendremos una idea clara sobre la conexión y esencia de lo que pretendemos mostrar.

⁵⁸ Ibidem. Página 128.

4.1 POETIZAR: LA MÁS INOCENTE DE TODAS LAS OCUPACIONES

Debemos primeramente, prestar atención a la primera afirmación crucial de Hölderlin en el texto, según la cual, la poesía es *la más inocente de todas las ocupaciones entre las cuales el hombre puede emplearse*, esta idea coincide de varias maneras, con el concepto de “juego lúdico” que se construye a través de palabras de Heidegger, pero ¿en qué sentido es la ocupación más inocente de todas las que existen?, pues si se muestra primeramente como un juego, carente de ataduras y capaz de inventar un mundo de imágenes que son absorbidas por el reino de la imaginación, estas se comprometen así (*schuldigmacht*) en el aparecer de su esencia, poetizar es sin embargo, algo inofensivo e ineficaz, Heidegger lo explica de la siguiente manera

Poetizar es por ello enteramente inofensivo. E igualmente es ineficaz, puesto que queda como un hablar y decir. No tiene nada de la acción que inmediatamente se inserta en la realidad y la transforma.

La poesía es como un sueño, pero sin ninguna realidad, un juego de palabras sin lo serio de la acción. La poesía es inofensiva e ineficaz

(HEIDEGGER, 1992; Pág. 129)⁵⁹.

Pero no es solo, la más inocente de las ocupaciones, pues al derivarse de nuestra relación con el lenguaje, es el mayor bien que poseemos, pero también el más peligroso. Sin embargo (y Heidegger tal vez no reparó mucho en ello), cuando el poeta afirma que la poesía es la más inocente de todas las ocupaciones, no coloca ni concibe su esencia, pues ella no reside en el hecho de ser la más “inocente de las ocupaciones”, sino que en algo mucho más profundo y delicado, con ello, apenas muestra el camino a través del cual debemos buscarle.

⁵⁹ HEIDEGGER, Martin. **Hölderlin y la esencia de la poesía, Arte y Poesía**. Traducción al español del texto original en alemán y prólogo de Samuel Ramos (Vittorio Klostermann GmbH Frankfurt/Main *Hölderlin und das Wesen der Dichtung*, primera edición 1937, Última 1971), primera reimpresión argentina, Fondo de Cultura Económica, S.A De C.V, 1992, Pág. 129.

Ahora bien ¿qué afirma Hölderlin sobre el lenguaje?, si partimos del hecho, que la poesía crea a través de su "materialidad", en vista que es tan importante para su creación, sería su *conditio sine qua non*, como vimos anteriormente.

4.2 Y SE LE HA DADO AL HOMBRE EL MÁS PELIGROSO DE LOS BIENES, EL LENGUAJE... PARA QUE MUESTRE LO QUE ES...

Si prestamos atención a lo que el poeta escribe en una carta de 1799, observaremos lo siguiente,

Pero el hombre vive en cabañas, cubriéndose con un vestido recatado, pues mientras es más íntimo, es más solícito y guarda su espíritu, como la sacerdotisa la flama celeste, que es su entendimiento. Y por eso se le ha dado el albedrío y un poder superior para ordenar y realizar lo semejante a los dioses y se le ha dado al hombre el más peligroso de los bienes, el lenguaje, para que con él cree y destruya, se hunda y regrese a la eternamente viva, a la maestra y madre, para que muestre lo que es, que ha heredado y aprendido de ella lo que tiene de más divino, el amor que todo lo alcanza (HEIDEGGER, 1992; Pág. 129)⁶⁰.

Si los poetas con su decir, arriesgan el lenguaje y el recinto del ser (pensado como templo en el cual se habita), es por que son capaces de asumir tal peligro, en el cual pierden mucho más que el ser del ente, además de todo aquello considerado objeto de la conciencia y las “cosas del corazón”, estos hombres que arriesgan y se imponen más que los otros, se encuentran en consonancia a su naturaleza como entes en el recinto del lenguaje, pues es su medida y habitar, por ello, la poesía de Hölderlin, arriesga el ser del ente con su decir. Siempre arriesgan más, los que hacen uso de la poesía y su palabra, pues poseen el más “peligroso” de los bienes, con lo cual, queda en incertidumbre lo que debe ser dicho, es decir, aquello en consonancia con su naturaleza que parte del lenguaje: el ente en su totalidad.

⁶⁰ HEIDEGGER, Martin. **Hölderlin y la esencia de la poesía, Arte y Poesía**. Traducción al español del texto original en alemán y prólogo de Samuel Ramos (Vittorio Klostermann GmbH de Frankfurt / Main Hölderlin und das Wesen der Dichtung, primera edición 1937, Última 1971), primera reimpresión argentina, Fondo de Cultura Económica, SA De CV, 1992, Pág. 129.

Heidegger, nos lleva a concluir fácilmente, que esos hombres más arriesgados, son los poetas, pero ¿todos ellos? o ¿una clase especial de ellos? él es claro, no cualquiera, sino aquel cuyo canto nos desampara para lo abierto, cantando lo sano [*Heile*], a partir de lo insano [*Unheile*], interpreto el *Heile* del cual habla, como una evolución nuestra, mientras que lo insano, nuestra decadencia.

Hölderlin como precursor de los “poetas en tiempo indigente” no puede ser superado, pues su poesía permanece esencializada y posibilita el conocimiento del ser. Pero, el lenguaje es *“el más inocente de los bienes”* y el más peligroso, debemos encontrar la manera de conciliar ambas cosas totalmente diferentes u opuestas en apariencia.

Reflexionando en torno a su poesía, colocaremos tres cuestiones a partir de las cuales pretendo esclarecer el tema que nos compete, en primer lugar, averiguar de quién es el lenguaje un bien, pues como una posesión, corresponde a alguien o a algo, por otro lado, debemos pensar, hasta qué punto es el más peligroso de los bienes, si en el mundo hay muchas cosas que ponen al hombre en riesgos mayores, finalmente hay que ver en qué sentido es un bien, pues los bienes que tenemos a la mano son muchos, sin embargo, este posee características que lo hacen ser el mayor y nosotros debemos capacitarnos, para enunciarlas y explicarlas.

Para Heidegger, estamos obligados a manifestar nuestra propia existencia, pues somos los únicos que podemos y debemos mostrar nuestro ser, haciéndonos patentes por un lado y por otro, quedando de cierta manera ocultos respecto a nuestra existencia, ¿Pero ¿qué es lo que debemos mostrar?, pues nuestra “pertenencia a la tierra” como herederos y aprendices de las cosas del mundo.

Las cosas que heredamos, están en conflicto, sin embargo, su “intimidad latente” las reúne en relativa armonía. El ‘poetizar’, pertenece a un estado de “*indigencia*”, tal como Heidegger lo explica en la conferencia ¿Para qué poetas?:

Ser poeta en tiempo indigente, significa: cantar, poniendo atención el vestigio de los dioses forajidos. Es por eso que, en el tiempo de la noche del mundo, el poeta dice lo sagrado. Es por ello, que la noche del mundo es, en el lenguaje de Hölderlin, la noche divina

(HEIDEGGER, 1998; Pág. 312)⁶¹

La esencia del *poetizar en tiempo indigente*, deviene del hecho que, a partir de ella, su vocación se vuelve una cuestión poética y nuestro hacer como mortales “corrientes”. Si Hölderlin alcanzó a través de su poesía, el conocimiento, en el cual se revela el ser como propietario de su destino para volcarse al poetizar, es válido que Heidegger, destaque su genialidad como poeta del ser y la indigencia del mundo.

Lo que da testimonio del ser y pertenece al ente como totalidad, ocurre como un hecho histórico y nuestro ser, se refleja en ello, porque nos fue dada el habla como un bien esencial en sí mismo.

⁶¹ HEIDEGGER, Martin. **Para qué poetas?**. Traducción al portugués de Bernhard Sylla y Vitor Moura, en **Caminhos de floresta**. Coordinación científica, edición y traducción de Irene Borges-Duarte, llevada a cabo como parte del proyecto “*Heidegger en portugués: Investigación y traducción de la obra de Martin Heidegger*”, basado en el Centro de Filosofía de la Universidad de Lisboa y financiado por la Fundación para la Ciencia y Tecnología Calouste Gulbenkian (PRAXIS/PIFILI130341, programa de 1998), edición de la Fundación Calouste Gulbenkian, 1998. En la versión en portugués se lee: “*Ser poeta em tempo indigente significa: cantar, tendo em atenção o vestígio dos deuses foragidos. É por isso que, no tempo da noite do mundo, o poeta diz o sagrado. É por isso que a noite do mundo é, no idioma de Hölderlin, a noite divina*”, Pág. 312.

A pesar del peligro al que nos expone, el ente procura su guardia constantemente, en la creación poética, materializándose y patentizándose con el habla, el ente tal cual, alcanza lo más puro y oculto, además de aquello indeciso e inusual que anhela preservar, eso inusual, se relaciona de forma directa con nosotros, pues buscamos ese riesgo.

Lo que puedo deducir a partir del párrafo anterior, es que la palabra poética debe llegarnos y volverse cotidiana, en ese sentido, afirma Hölderlin en otro pasaje

Usted habla a la divinidad, sin embargo, todos olvidaron que los primeros frutos no son de los mortales, pertenecen a los dioses. Los frutos deben primeramente volverse más cotidianos y comunes, para que se hagan propios de los mortales" (HEIDEGGER, 1992; Pág. 132)⁶².

Heidegger representa estas palabras, como frutos sagrados que debemos alcanzar, para acceder la "palabra esencial" del ser, que no ofrece garantía alguna de serlo, pues lleva internamente, simplicidad, redundancia y repetición que no dice nada, posibilitando la pérdida de su voz propia y autenticidad. Debemos también, reflexionar en torno a la siguiente pregunta, ¿en qué sentido es un bien esencial y al mismo tiempo un gran peligro, si este nos disponibiliza experiencias de comunicación, decisiones y estados de ánimo?

⁶² HEIDEGGER, Martin. **Hölderlin y la esencia de la poesía, Arte y Poesía**. Traducción al español del texto original en alemán y prólogo de Samuel Ramos (Vittorio Klostermann GmbH de Frankfurt / Main Hölderlin und das Wesen der Dichtung, primera edición 1937, Última 1971), primera reimpresión argentina, Fondo de Cultura Económica, SA De CV, 1992, Pág. 132.

Hay que reconocer, que el habla es esencial para nuestra comprensión y entendimiento mutuo y puede perfectamente ser comprendida como un bien, sin embargo, a pesar de ello (y pienso que Heidegger no reparó plenamente) como humanos, podemos a lo sumo, describir las consecuencias de su esencia y no a ella misma, además, es un instrumento más que tenemos a nuestra disposición, el cual (seamos conscientes o no) usamos de forma arbitraria, para garantizarnos la posibilidad de estar en medio de la publicidad de los entes, nos sirve para movernos entre ellos y Heidegger puede darnos la razón en ese punto.

A través del habla, garantizamos nuestro destino histórico, es cierto, pero también, rompemos con la relación mundo-bien planteada por Hölderlin, al decir que esta garantiza la historia del mundo para nosotros, aun antes de echar mano de ella.

Debemos fijar nuestra atención en ese hecho, pues certificando la esencia de la palabra, nos damos cuenta, que la poesía crea su ámbito de acción a partir del habla, al mismo tiempo que hace posible nuestro ser, sin limitarse a ser una mera herramienta de la cual hacemos uso, por ello, queda aún un tema que debemos discutir y aclarar, en torno a una tercera reflexión sobre la poesía de Hölderlin, es decir, sobre aquello que se vuelve lenguaje y experimentamos una vez que llegamos a ser diálogo, capacitados para escuchar el de los demás. Esa afirmación es muy importante para Heidegger, pues habla sobre la posición “privilegiada” que adquirimos, una vez que somos capaces de nombrar las cosas “celestiales” y “sagradas”, a través de la poesía y su decir, haciendo énfasis en ello, ese privilegio, sin embargo, es muy limitado, si tomamos en cuenta que no solo el lenguaje poético, es capaz de nombrar esas “cosas excelsas”.

4.3 EL HOMBRE HA EXPERIMENTADO MUCHO. NOMBRADO A MUCHOS CELESTES, DESDE QUE SOMOS UN DIÁLOGO Y PODEMOS OÍR UNOS DE OTROS

Vamos a desarrollar este apartado, meditando sobre un poema de Hölderlin, en el cual examina la importancia de volvernos un diálogo, para poder contextualizar lo discutido hasta aquí, pues “*somos un diálogo*” y nuestro ser, posee una preeminencia que nos lleva a serlo, en la que no nos limitamos a usar arbitrariamente el lenguaje.

El poema en cuestión, reza así, “Reconciliador en que tú nunca has creído...El hombre ha experimentado mucho. Nombrado a muchos celestes, desde que somos un diálogo y podemos oír unos de otros” (HEIDEGGER, 1992; Pág. 133)⁶³. Heidegger lo interpreta, pensando que somos habla, pero nosotros nos creemos separados de ese decir del lenguaje, cuando en realidad, no solo le pertenecemos de forma esencial, sino que, además, somos un diálogo. Nuestro ser, tiene como base el habla, que, en su forma primaria, es diálogo.

El habla se hace esencial a través del diálogo, sin embargo, es tan sólo una modalidad de ella, sin la cual, es tan solo un repertorio de palabras y reglas sintácticas. Si nos remitimos a la concepción tradicional de concebir lo que es el diálogo, una primera observación, nos hace ver, que es la forma de comunicación que se da entre nosotros, para alcanzarnos unos a otros, con ello, comprendemos la afirmación de Hölderlin, *una vez que (llegamos a) ser un diálogo y podemos escuchar unos a los otros*, en este proceso de esencialización, se hace evidente, la unidad del diálogo a partir del cual nos reunimos y somos nosotros mismos, por ello, pensando en torno a la lectura que Heidegger hace sobre Hölderlin, somos capaces de llevar nuestra existencia (*Dasein*) junto con su unidad.

⁶³ HEIDEGGER, Martin. **Hölderlin y la esencia de la poesía, en Arte y Poesía**. Traducción al español del texto original en alemán y prólogo de Samuel Ramos (Vittorio Klostermann GmbH de Frankfurt / Main Hölderlin und das Wesen der Dichtung, primera edición 1937, Última 1971), primera reimpresión argentina, Fondo de Cultura Económica, SA De CV, 1992, Pág.133.

Pero ese acto de apropiación del *Dasein* por parte del diálogo, no se da por nosotros serlo también, sino porque *partimos de un punto y llegamos a ser un diálogo*, como afirma el poeta, nos reencontramos con nuestra esencia, únicamente regresando a nuestra “morada esencial” en el lenguaje.

El diálogo acontece como actualidad de lo permanente y hasta que no se expone “*al tiempo que rasga*” pasado, presente y futuro, no es posible su caída y unificación en lo inmutable del mundo que acaece históricamente, para Holderlin, la historia es actualidad de lo permanente y el *Dasein* histórico, se co-pertenece de forma única e indisoluble con ella. A partir de ese diálogo, somos capaces de experimentar muchas cosas, nombrar las sagradas y a los dioses.

Comprendiendo de forma plena la frase “*Una vez que somos un diálogo...*” entendemos que es la base de nuestra existencia, a la cual somos llevados desde que el tiempo es tiempo.

Debemos reparar en un cuarto punto del texto *sobre la esencia de la poesía*, con el cual, comprenderemos el proceso por el cual se establece el diálogo con lo permanente del lenguaje, este, posee para Hölderlin un carácter de abismalidad y pertenencia, que pienso Heidegger no pudo prever lo suficientemente.

4.4 PERO LO QUE QUEDA, LO INSTAURAN LOS POETAS

Hölderlin en su poesía *en la memoria* (*Andenken*) llega a esta conclusión “los poetas, establecen lo permanente” (HEIDEGGER, 1992; Pág. 137)⁶⁴, a partir de ella, muchos pensamientos llegan a nuestra mente, pues nos damos cuenta que la poesía como forma esencial de instauración a través de la palabra, genera algo permanente y que no cambia, es decir, la esencia de las cosas, su ser, pero ¿es en realidad esto permanente una instauración?, ¿o lo es desde siempre, sin llegar a ese estado?, dirá que no, pues sustentando y gobernando al ente como totalidad, se hace patente y se expone a su aparecer, como aquello que se *cuida y es confiado a los poetas* o “guardianes”. Sin embargo, a pesar de su carácter de permanencia, (y Heidegger mismo nos lo dice) es también temporal y fugaz, tal como afirma en *Ser y Tiempo: el discurso ya es, en sí mismo, temporal*⁶⁵ la poesía es también “raudamente fugaz”, por ello, se encarga de cuidar lo permanente, puesto al servicio de los poetas que buscan el ser y su aparecer, el cual no poseen a cabalidad (como bien afirma Heidegger), son también buscadores como nosotros.

Heidegger, hace mucho énfasis en ello, “La poesía es la instauración del ser con la palabra” (HEIDEGGER, 1992; Pág. 137)⁶⁶.

⁶⁴ **Ibídem.** Pág. 137.

⁶⁵ Martin Heidegger. **Ser y Tiempo**, Traducción de Márcia Sá Cavalcante Schuback, 13 Edición Editora Vozes e Universidade São Francisco 2004, Sección Segunda Presencia y temporalidad Quarto Capítulo: Temporalidad y cotidianidad, § 68 la temporalidad de la abertura en general, d) la temporalidad del discurso, en la versión en portugués, se lee: *O discurso já é, em si mesmo, temporal,* Pág. 148.

⁶⁶ HEIDEGGER, Martin. **Hölderlin y la esencia de la poesía, Arte y Poesía.** Traducción al español del texto original en alemán y prólogo de Samuel Ramos (Vittorio Klostermann GmbH de Frankfurt / Main Hölderlin und das Wesen der Dichtung, primera edición 1937, Última 1971), primera reimpresión argentina, Fondo de Cultura Económica, SA De CV, 1992, Pág. 137.

Si el ser no puede ser un ente, como afirma Heidegger, nunca es creado de algo pasajero o sin libertad, ni el ser como esencia de las cosas, se calcula o deriva a partir de la mera existencia, son más bien, puestos y donados en una libre creación (que es en realidad una instauración) en la que nuestra existencia, se establece como razón de ser de aquello que trae el nombrar originario de los dioses a la palabra, volviéndose esencial para las cosas, accesibles y cotidianas, a lo que Heidegger hace referencia a continuación, “esta es la vía de la historia ser. Si caminamos por ella, seremos conducidos al pensamiento que dialoga con el poetizar y que pertenece a la historia del ser” (HEIDEGGER, 1998; Pág. 314)⁶⁷, en esa historia, debemos caminar y conducir nuestra existencia, pues sin ello, no es posible conocer el ser que trae brillo a las cosas importantes y su aparecer en el mundo.

Partiendo de todo lo anterior, podemos concluir, que la razón de ser de nuestra existencia, es lo instaurado por el decir de los poetas, como fundamento firme y no un libre donar, a través de ello, sabemos cuál es la verdad que habita en el decir de Hölderlin y la comprensión del hecho que la esencia de la poesía es la instauración del ser con la palabra, es algo que destaca mucho en el pensamiento de Heidegger, pues la esencia de la poesía deviene del lenguaje como medida de nuestra mortalidad.

Vamos a examinar una quinta y última palabra, con la cual comprenderemos finalmente, la colocación que habíamos hecho, en la que nuestra esencia radica en el diálogo y el lenguaje, nuestro habitar esencial es la poesía misma, lo sepamos o no, estamos en su esencia y en ella encontramos la manifestación máxima de la nuestra.

⁶⁷ HEIDEGGER, Martin. **Para qué poetas?**. Traducción al portugués de Bernhard Sylla y Vitor Moura, en Caminhos de floresta. Coordinación científica, edición y traducción de Irene Borges-Duarte, llevada a cabo como parte del proyecto "Heidegger en portugués: Investigación y traducción de la obra de Martin Heidegger", basado en el Centro de Filosofía de la Universidad de Lisboa y financiado por la Fundación para la Ciencia y Tecnología Calouste Gulbenkian (PRAXIS/PIFILI130341, programa de 1998), edición de la Fundación Calouste Gulbenkian, 1998. En la versión en portugués se lee: “esta é a via da história do ser. Se caminharmos por esta via, ela conduzirá o pensamento a um diálogo com o poeta, diálogo esse que pertence à história do ser”, Pág. 314.

Debemos hablar del habitar poético y su relación con el tema de la técnica (muy importante para Heidegger), la cual es también, parte constitucional de nuestra esencia, debemos por lo tanto, comprender que (tal como indica en el texto, *¿Para qué poetas?*) junto a la poesía, es una tarea del pensamiento *stricto sensus*, que debe ser tomado, como un ensayo de meditación poética. Heidegger, había dado por sentado, el hecho que la meditación poética o el resultado de su hacer, no deviene de una actividad del intelecto o procesos racionales y cuando afirma que esos dos elementos, son tarea del pensamiento, podemos deducir que el hacer poético y el habitar, pueden ser explicados de ese modo, entrando en conflicto con la afirmación que hace en el texto que tomaremos como referencia para este apartado (*“...poéticamente habita el hombre...”*) en el cual afirma que el habitar no es el resultado de una construcción del pensamiento.

4.5 PLENO DE MÉRITOS, PERO ES POÉTICAMENTE COMO EL HOMBRE HABITA ESTA TIERRA

Vamos a partir del poema de Hölderlin *en amigable azul florece*, que reza como sigue, “En azul amable florece el techo metálico del campanario (VI, 24 s.). Pleno de méritos, pero es poéticamente como el hombre habita esta tierra” (HEIDEGGER, 1992; Pág. 138) ⁶⁸. La poesía, es el nombre que establece a los “dioses” y la esencia de las cosas, no solo de la manera que lo hace, sino, además, a través de la comprensión que como habitar, es nuestro cimiento esencial, es a lo que vamos a pasar revista a continuación. Si la existencia, es esencialmente “poética” desde su fundamento, no tiene sentido de ser la instauración (fundación) de un mérito, sino más bien, es la manera como se dona el ser, por tanto, estar en “presencia de los dioses” y ser tocados por la esencia próxima de las cosas, son las dos ideas usuales que usa Heidegger para definir el “*habitar poético*”.

La reflexión sobre el habitar, merece especial atención, desde la perspectiva de dos conferencias, no muy reconocidas en de la vastedad de su obra, “*construir, habitar, pensar*” y “*...poéticamente habita el hombre...*”, ambas parte de la compilación “*ensayos y conferencias*”, extraída de clases magistrales dictadas por Heidegger en los primeros años de la década de los 50, ambos textos fueron fundamentales, para comprender de manera adecuada, la idea de “permanencia poética” y el modo de Heidegger, para entender e interpretar la poesía de Hölderlin, análisis sin el cual, queda sumamente incompleto este ejercicio reflexivo y crítico.

⁶⁸ HEIDEGGER, Martin. **Hölderlin y la esencia de la poesía, Arte y Poesía**. Traducción al español del texto original en alemán y prólogo de Samuel Ramos (Vittorio Klostermann GmbH de Frankfurt / Main Hölderlin und das Wesen der Dichtung, primera edición 1937, Última 1971), primera reimpresión argentina, Fondo de Cultura Económica, SA De CV, 1992, Pág.138.

En el primer texto, analiza el habitar, como forma de pensar y construir, haciendo que ambos elementos, sean fundamentales al momento de reflexionar sobre nuestro propio habitar, que debe convertirse en “habitar poético” que acontece desde la poesía, en estas líneas, sin embargo, Heidegger habla sobre él, a partir de nuestro lugar, como seres ubicados en un espacio y en una determinada trascendentalidad física.

El habitar está inicialmente, en proceso de construcción y son destinadas para ser “*habitadas*”, todas aquello en lo cual, podemos arraigarnos y morar, sin embargo, el “construir” es en sí mismo una forma de habitar el mundo y no sólo el medio por el cual se adquiere una vivienda, en este sentido, construir es habitar de modo originario, un espacio en el mundo.

Llevamos el análisis más allá, cuando nos damos cuenta que el habitar no es solamente una forma de vivir en un lugar determinado, sino que es fundamental a nuestro ser, “...Ser hombre dice, ser como un mortal sobre esa tierra, dice: habitar” (HEIDEGGER, 2012; Pág. 127)⁶⁹

El proceso de construcción de nuestra vivienda o habitación, es la experiencia cotidiana de un habitar, como ser y estar en la tierra, pues debe ser lo que Heidegger entiende por “*habitual*”. El habitar, es una forma de construir (*Bauen*) y el modo en que somos y estamos sobre la tierra (*Wohnen*), por ello, determina nuestra existencia en el mundo y también nuestra esencia, pero no acontece únicamente en el mundo, sino que también, de forma esencial, en la poesía.

⁶⁹ HEIDEGGER, Martin. “**Construir, habitar, pensar**” en **Ensaaios e conferências**. Traducción al portugués de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. - 8. edición. - Petrópolis:Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. (Coleção Pensamento Humano), en la versión en portugués se lee: “...Ser homem diz: ser como um mortal sobre essa terra. Diz: habitar”, Pág. 127.

Las cosas que están bajo el resguardo de su esencia y permanecen “pacificadas” por su libertad de pertenencia, nos permiten habitar y ser traídos a la paz de ese abrigo, siendo per pasados ampliamente por esa guardia, nos volvemos capaces de construir edificaciones y habitarlas, “habitar es por tanto, el trazo esencial del ser de acuerdo con el cual los mortales son” (HEIDEGGER, 2012; Pág. 140) ⁷⁰ en el habitar, encontramos nuestra esencia y la comprensión del ser. Pero como olvidamos, el modo cómo habitamos, es fundamental reencontrarnos nuevamente con su esencia, generando una “crisis habitacional”, producto de este olvido implícito en la metafísica occidental, esta es la crisis del pensamiento filosófico en general, decadente, repetitivo y tradicional.

Sin embargo, es *poéticamente como el hombre habita en el mundo*, seamos o no conscientes de ello, la poesía, es nuestra habitación esencial en el mundo

“...poéticamente habita el hombre” ... De rigor, podemos asumir que los poetas habiten poéticamente. Pero, ¿cómo entender que “el hombre”, es decir, que cada hombre habite siempre poéticamente? ¿No será el habitar incompatible con lo poético? (HEIDEGGER, 2012; Pág. 165) ⁷¹

Pero la poesía, es morada esencial de todos nosotros, no solo de aquellos “capacitados” en el uso de la palabra poética (poetas), comprendidos en sentido amplio, como los que hacen uso del lenguaje.

⁷⁰ **Ibidem.** en la versión en portugués se lee: *“habitar é, porém, o traço essencial do ser de acordo com o qual os mortais são”*, Pág. 140.

⁷¹ HEIDEGGER, Martin. “...poeticamente o homem habita...” en **Ensaaios e conferências**. Traducción al portugués de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. - 8. edición. - Petrópolis:Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. (Coleção Pensamento Humano), en la versión en portugués se lee: *“...”poeticamente o homem habita...” A rigor, podemos assumir que poetas habitem poeticamente. Mas como entender que “o homem”, ou seja, que cada homem habite sempre poeticamente? Não será o habitar incompatível com o poético?”*, Pág. 165.

El “habitar poético”, por tanto, no pertenece de forma exclusiva al ámbito académico, en el que generalmente se hace poesía, como una ocupación más en el mundo de las letras y cosas espiritualmente bellas, que se transmiten a través de publicaciones u otros medios.

Debemos admitir, sin embargo, que ese es el pequeño espacio, que en nuestro modo actual de vida, queda para lo sublime, sutil y valioso. La poesía, tiene carácter “humanizador” y en el fondo, el habitar en su esencia, lleva implícita la idea de humanizarnos, volvernos más conscientes de nuestro mundo y las bellezas que guarda, pues estamos escindidos de él en todos los sentidos, si no fuese necesario volvernos más “humanos”, ¿qué sentido tendría toda esta reflexión?

Lo mismo sucede si se reduce a ser mera literatura, una forma más de escritura que no hace más que fantasíar, algo onírico que vuela a lo irreal e idílico, negando lo que somos y ajena a nuestro vivir cotidiano. Heidegger por el contrario (y es importante que lo mencionemos), quiere que nos apropiemos de ella y para que llegue a ser, nuestro acaecer cotidiano más próximo, asumiendo de antemano que somos capaces de poder escucharla y hacer de ella nuestra morada.

Cómo nos lanzamos al riesgo por nuestra propia voluntad, todo lo que hacemos y buscamos, lo adquirimos y merecemos por esfuerzo propio, por tanto, el regreso a ese habitar, es hecho únicamente, a partir de nuestras posibilidades, y a través de él, tocamos la esencia del habitar en esta tierra, para poder llegar a conocer, la razón de ser de nuestra existencia, pero la razón de ser de nuestra existencia, ¿tiene algo o mucho que ver con este habitar poético del cual habla Heidegger? ¿o es una realidad mucho más profunda y diferenciada?, estas interrogantes pueden ser bastante profundas, para los alcances de esta disertación.

Si la poesía, nombra a los dioses y la esencia de las cosas, este "habitar poético" es estar en presencia de los dioses y próximos al ente, pues su aparecer esencial, es una donación, el ser se dona a sí mismo en la palabra poética, no le toma ella misma. Si la existencia es "poética" desde su fundación, el instaurarse (fundamentarse) no es un mérito para ella, es su estado natural, Heidegger la explica en este texto, como *poiesis* en el sentido griego del término, como hacer originario que teje cosas sin esfuerzo, pues (los poetas) con su arte, hacen caso omiso de la realidad, adentrados en un estado de ensueño, crean "fantasías", en es su estado natural de ser y actuar.

La poesía como fundamento de nuestra existencia y cimiento del habitar, no es una simple manifestación cultural y menos la expresión del "alma de la cultura", acaloramiento o diversión pasajera, exaltación momentánea, u ornamento, es más bien el 'soporte' de nuestra historia y del mundo.

Vislumbrando el rasgo fundamental de la presencia humana como habitar, Hölderlin ve "lo poético" a partir de su relación con este y no de forma separada, pues, el ámbito de acción de la poesía es el lenguaje, que con su nombrar, establece el ser y la esencia de lo que se hace público (y nos interesa como especie humana) y es concebido por el lenguaje como la verdadera esencia de la poesía.

La poesía como lenguaje originario de todos los pueblos históricos, posibilita nuestro encuentro con su decir, por ello, es un *dejar habitar*, que permite a nuestro habitar, ser lo que es. Es importante mencionar, que la poesía es un legado de la humanidad y no un "bien cultural" de una civilización específica, de un pueblo elegido, por ello, no existe un poeta de poetas, ni una poesía de poesías, solamente ella como tal y Heidegger (como habíamos dicho más arriba) al colocar a un poeta por sobre los demás, hace anti poesía, en una acción que va contra el humanismo.

La forma poética originaria, es un lenguaje primitivo, que instauro el ser y es el fundamento de nuestra existencia

... El fundamento de la existencia humana es el diálogo como el propio acontecer del lenguaje. Pero el lenguaje primitivo es la poesía como instauración del ser. Sin embargo, el lenguaje es "el más peligroso de los bienes". Entonces la poesía es la obra más peligrosa y a la vez "la más inocente de las ocupaciones" (HEIDEGGER, 1992; Pág. 140)⁷²

Como un bien peligroso, el lenguaje instauro el ser, en ese riesgo y en su carácter fundante, en el cual reside su inocencia y razón de ser, pero ello, implica que sea para nosotros, un dejar-habitar, pues como una forma de construcción, fundamenta y erige nuestra esencia.

Actuamos de manera errada, pensando que somos creadores y soberanos del lenguaje, e invertimos esa relación convirtiéndola en una "extraña manía de reduccionismo técnico", es él que gobierna, crea y forma, nuestro habitar esencial, y en esta comprensión, radica la plena comprensión de su esencia. En otro poema, Hölderlin dirá que lo más puro de la esencia de la poesía, radica en la exposición del poeta a los "rayos de los dioses", ora como sigue, "...Como cuando en día de fiesta, para ver el campo, sale el labrador, en la mañana..." (HEIDEGGER, 1992; Pág. 141)⁷³, Sin embargo, la parte que nos interesa, es esta

⁷² HEIDEGGER, Martin. **Hölderlin y la esencia de la poesía en Arte y Poesía**. Traducción al español del texto original en alemán y prólogo de Samuel Ramos (Vittorio Klostermann GmbH de Frankfurt / Main Hölderlin und das Wesen der Dichtung, primera edición 1937, Última 1971), primera reimpresión argentina, Fondo de Cultura Económica, SA De CV, 1992, Pág.140.

⁷³ Ibídem, Pág. 141.

...Es derecho de nosotros, los poetas, estar en pie ante las tormentas de Dios, con la cabeza desnuda. para apresar con nuestras propias manos el rayo de luz del Padre, a él mismo. Y hacer llegar al pueblo envuelto en cantos el don celeste (HEIDEGGER, 1992; Pág. 141) ⁷⁴.

La poesía (parece un “juego” pero en realidad no lo es) no nos reúne para entretenernos lúdicamente, sino, para comulgar sobre la base de su existencia, llevándonos con su contemplación, a un “vacío de pensamiento” o infinitud, en el cual se activan, las energías y relaciones en las que habitamos. Frente a la realidad tangible y ruidosa en la que nos movemos, creyendo estar en lugar seguro, la poesía nos despierta a la “apariencia de lo irreal” y al ensueño, sin embargo, toma el decir poético como una fantasía con trasfondo de realidad, es eso de lo que habla a continuación “...poéticamente habita el hombre...”: “...El habitar poético sobrevuela fantásticamente lo real” (HEIDEGGER, 2012; Pág. 169) ⁷⁵

Mientras que la esencia de la poesía divaga en su aparente exterioridad, con firmeza y estabilidad, nosotros, construimos apenas en la compenetración de un sentido, recuperando nuestro habitar, luego de haber construido de una u otra manera un espacio originario en el cual habitar, que no se instaura de forma arbitraria o caprichosa, sino cuando hacemos de ello, nuestro anhelo supremo. La poesía, nos trae para un habitar esencial, en el que no precisamos sobrevolar, o elevarnos sobre la tierra a fin de abandonarla, pues ella misma, se introyecta en el mundo, advine y de alguna manera se vuelve parte de él. Y parece ser que Hölderlin olvido decirnos, la forma cómo debe conectarse el habitar y el construir, pero sí como conectarlos con sus méritos.

⁷⁴ HEIDEGGER, Martin. **Hölderlin y la esencia de la poesía, Arte y Poesía**. Traducción al español del texto original en alemán y prólogo de Samuel Ramos (Vittorio Klostermann GmbH de Frankfurt / Main Hölderlin und das Wesen der Dichtung, primera edición 1937, Última 1971), primera reimpresión argentina, Fondo de Cultura Económica, SA De CV, 1992, Pág. 141.

⁷⁵ HEIDEGGER, Martin. **...Poeticamente habita o homem... en Ensaio e conferências**. Traducción al portugués de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. - 8. edición. - Petrópolis:Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. (Coleção Pensamento Humano), en la versión en portugués se lee: “...O habitar poético sobrevoa fantásticamente o real”, Pág. 169.

Ahora bien, la poesía como encargada de instaurar el ser, se vincula doblemente con nosotros y los dioses que des oculta, pues como su nombrar originario, capta la totalidad de su esencia, para Heidegger sin embargo, son los dioses que nos “dan el habla”, sin esa “intervención divina”, no podríamos tocar su fuerza nominativa y vocativa, “...Y los signos son, desde tiempos remotos, el lenguaje de los dioses” (HEIDEGGER, 1992; Pág. 144) ⁷⁶.

Reflexionando como Hölderlin, no debemos decir nada sobre el habitar poético del mismo modo que lo hacemos con nuestro pensamiento, pues la palabra de los poetas, trae una signo sorprendente en forma de recepción y donación, como "primer signo", con ello, sabremos cuál es el camino que conduce a lo que dictó, no Hölderlin, más si todos los poetas en general, pues la divinidad no “ilumina” a uno solo.

Si la palabra poética interpreta la “voz de los pueblos” (queremos entenderla así) como la que establece el ser, explicado a partir de la concepción heideggeriana de poesía y pueblo, hablo aquí de “pueblos”, para escapar del sesgo “etnocentrista” de la palabra “pueblo”, pues según mi interpretación engloba únicamente, aquel histórico occidental-europeo-griego-alemán como prototipo, sin tomar en cuenta a los demás del mundo, desvinculándose así, de una concepción más universal de lo que es la poesía, por tanto, cuando hablo de “pueblos” me refiero a todos de forma genérica y no a uno en específico. Pero, si vemos a la poesía como un bien de la humanidad, estos pueblos son realmente otros, diversos y su poesía es capaz de “instaurar el ser” tanto como el “canto poético alemán” por excelencia de Heidegger.

⁷⁶ HEIDEGGER, Martin. **Hölderlin y la esencia de la poesía en Arte y Poesía**. Traducción al español del texto original en alemán y prólogo de Samuel Ramos (Vittorio Klostermann GmbH de Frankfurt / Main Hölderlin und das Wesen der Dichtung, primera edición 1937, Última 1971), primera reimpresión argentina, Fondo de Cultura Económica, SA De CV, 1992, Pág.144.

Estos cantos, se vinculan fuertemente a las leyendas, en las que los pueblos conmemoran su pertenencia al ente como totalidad, pudiendo ser calladas y agotadas en sí mismas, necesitando que los “intérpretes” (¿poetas?) traigan la voz de estos dioses hacia nosotros. El plural significa, por tanto, mi desacuerdo con la concepción de pueblo de Heidegger (en la que un único elegido es el poseedor de toda la poesía junto a su esencia) mas no con su concepción del hecho poético en general.

Llegados a este punto, debemos cuestionarnos sobre lo siguiente, ¿Existe alguna forma poética, que no esté destinada a confirmar este “habitar esencial” ?, siguiendo la lógica de nuestro análisis, nos vemos en la obligación de afirmar que no, pues hemos confirmado que toda forma poética, provee de sentido al ser y al mundo, por tanto, si no se destina a perpetuar esa morada, no es poesía en sentido estricto.

Lo divino, es la "medida" con que sopesamos nuestro habitar sobre la tierra, pero nos es dado únicamente a través de la poesía, en ella encontramos la medida que eleva nuestra mirada para su desvelar, vemos así, que su habitar reposa en la dimensión de lo divino y lo terrenal. La esencia de la poesía, es la principal conexión entre los dioses y el pueblo, siendo el poeta, el principal "intermediario", entre ellos, pues es *Poéticamente como el hombre habita esta tierra*.

Trayendo esta idea del habitar a su aspecto fundamental y levantando la medida inherente a su esencia, le alcanzamos con propiedad, lo humano, sin embargo, constituye lo poético en él, siendo ahí donde se estabiliza y fundamenta nuestro habitar con sustento, permanencia y duración.

Hölderlin ‘poematiza’ la esencia de la poesía, como un concepto temporal, que no se corresponde con nada previo, sino más bien, con un nuevo porvenir establecido a partir de la esencia de la poesía, es lo que Heidegger llama, tiempo indigente, en el cual hay dioses que huyen y otros que vienen (dioses de la Mitología Griega o atemporales, no lo aclara en estos textos), trayendo a la luz, el vibrar de la palabra, apelando e instaurando la fisonomía del cielo con su resonar, por ello, el poeta es capaz de convertir su palabra en canto.

El verdadero poeta, no se limita a describir la bifurcación que existe entre lo terrenal y lo celeste, sino que le toma como lo que se encubre, y apela a eso extraño como lo que parece ser familiar, pero en realidad le destina a continuar siendo desconocido, eso es muy cierto, pues en el decir poético, se oculta mucho más de lo que se revela, los poetas desdibujan la realidad y con sus versos esconden algo de ella.

La esencia de la poesía anunciada e instaurada por Hölderlin, tiene carácter histórico y anticipa un tiempo que nos augura el ser y su esencia.

Las imágenes que crea el poeta, son imaginaciones, mas no meras fantasías o ilusiones, mucho menos inclusiones de algo extraño, en realidad estas se revisten con esa apariencia, pero en el fondo lo que hacen, es llevarnos hasta nuestro habitar esencial. Aquí, vuelvo a cuestionar la validez de lo que anteriormente había suscrito, pues no estoy plenamente seguro, si estas “imágenes” que el poeta recrea, son las que anticipen el ser mismo y su esencia (pues como había mencionado anteriormente, “desdibujan la realidad”), sin embargo, cuando Heidegger afirma que no son meras fantasías o ilusiones, nos debemos volver plenamente conscientes de su importancia y eso no pasa desapercibido en modo alguno, para la cuestión que nos compete en la disertación.

Y es así, pues nos damos cuenta, que ellas ponen ante nuestra presencia, la claridad y resonancia de los “aparecimientos celestes”, cuyas imágenes se integran a la unidad de lo oscuro y silencioso del misterio, que se desvela para hacernos partícipes de la esencialidad latente en la palabra poética.

El modo como intuimos la esencia de la poesía y el habitar, se da como medida de lo divino y poético, que acontece como instauración o edificación de construcciones, pero lo que forja, no es algo tangible, sino que es nuestra morada en el seno del ser, construida en sentido inaugural, en la dimensión donde las cosas “más esenciales” tienen lugar.

Si en realidad somos o podemos llegar a ser capaces de “construir poéticamente” en el mundo, es debido al hecho, que instauramos nuestra morada sobre la tierra y bajo el cielo, como agricultores, cuidamos su crecimiento y lo hacemos, solo de esa forma. Surge una pregunta en este punto, ¿es la poesía la única guía posible para nosotros?, si algún día nos volvemos conscientes de ella, eso será posible, pero con nuestro estilo de vida actual rutilante y caótico (a mi parecer) estamos muy lejos de esa posibilidad.

Para poder alcanzar la armonía edificadora de nuestro habitar, debemos construir, dejándonos llevar por la medida arquitectónica de los poetas, pues son los encargados de guiar la construcción de nuestro habitar, o al menos Heidegger les ha dado esa responsabilidad. El decir poético y el habitar, se pertenecen mutuamente en una relación indisoluble, ambos conforman nuestra esencia, la cual se ajusta únicamente en esa relación.

Este habitar, del cual hablamos, es poético y no puede dejar de serlo, pues nos es inherente, del mismo modo como, por ejemplo, la ceguera en el hombre es posible, porque permanece un ser capaz de visión, esto no es una contradicción ni oposición, sino una complementariedad. El pensamiento, de que nuestro habitar es posible sin poesía, proviene de la extrañeza ante algo poco habitual o desconocido, pues es en el mejor de los casos, un bien al alcance de todos, pero pocos le tomamos como tal.

Dejaremos clara esa idea sobre el modo humano de habitar, aludiendo a la siguiente frase, “la poesía es la capacidad fundamental del modo humano de habitar” (HEIDEGGER, 2012; Pág. 179) ⁷⁷, según ese pensamiento, sólo conseguiremos dictar poéticamente, en la medida que nos apropiemos de nuestra esencia, capacitándonos para poder usarle.

Si en verdad, somos capaces de medirnos con lo divino y “fundir” la “benevolencia” de nuestro espíritu con el ser, dictaríamos poéticamente a partir de su esencia, pero eso no ocurre en la realidad. Nuestra vida, es para Hölderlin, una “existencia” que potencialmente puede llegar a habitar la poesía, solo de ese modo, podríamos vivir humanamente en el mundo, tocados por esa “gracia”.

Para terminar nuestra reflexión sobre la poesía, vamos a prestar atención, a la séptima estrofa de la elegía *pan y vino* de Hölderlin, en la cual presenta a los poetas, como hacedores de un decir poético en tiempo indigente, presenta de poéticamente lo que hemos reflexionado apenas de forma analítica, ora así

¡Pero amigo! Llegamos demasiado tarde. Sin duda, los dioses viven, sino sobre nuestra cabeza, en otra obra mundo para siempre y parece que les importa poco si vivimos. Si el cuidado celestial no para hacernos daño. Bueno, nunca podría contener un recipiente débil, a veces sólo es compatible con el hombre a la plenitud divina. La vida es un sueño para ellos. Pero el error nos ayuda como entumecimiento. Y nos hacen fuerte necesidad y la noche. Hasta los héroes cultivan en la cuna de bronce, al igual que en otro momento sus corazones son similares en fuerza a la celeste. Ellos llegan en medio de los truenos.

⁷⁷ HEIDEGGER, Martin. **...poéticamente habita el hombre...**, en **Ensaio e conferências**. traducción Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. - 8. ed. - Petrópolis: vozes; Bragança Paulista: Editorial Universidad de San Francisco, 2012. (Colección pensamiento humano), en la versión en portugués, se lee: “a poesia é a capacidade fundamental do modo humano de habitar”, Pág.179.

A veces duermo mejor que estar sin pareja Mientras se espera por lo que decir o no saben. Y poetas Que en tiempos aciagos? Pero vamos, que dice, cómo los sacerdotes sagrados del vino de Dios, que vagaban de tierra en tierra, en la noche santa (HEIDEGGER, 1992; Pág. 147) ⁷⁸.

Pensando el pasado y esperando lo venidero, el poeta se amortece y divaga en la penumbra, consiguiendo descansar, solo en el vacío de la noche, en el que se mantiene de pie a pesar de su oscuridad, "Cuando el poeta queda consigo mismo en la suprema soledad de su destino, entonces elabora la verdad como representante verdadero de su pueblo" (HEIDEGGER, 1992; Pág. 147) ⁷⁹ se lee en las últimas páginas del texto sobre *la esencia de la poesía*.

⁷⁸ HEIDEGGER, Martin. **Hölderlin y la esencia de la poesía en Arte y Poesía**. Traducción al español del texto original en alemán y prólogo de Samuel Ramos (Vittorio Klostermann GmbH de Frankfurt / Main Hölderlin und das Wesen der Dichtung, primera edición 1937, Última 1971), primera reimpresión argentina, Fondo de Cultura Económica, SA De CV, 1992, Pág. 147.

⁷⁹ **Ibidem**. Pag. 147.

5 CONSIDERACIONES FINALES

Hemos hecho una reflexión general sobre el concepto de lenguaje en el pensamiento de Martin Heidegger y su relación esencial con la poesía y el pensamiento poético en general. Entre ambas formas, existe mucha intimidad y cercanía, pues una no sobreviene sin la otra, es innegable, además, que la poesía necesita echar mano del lenguaje, para poder pasar del “hecho narrativo fantástico” a la “materialidad” de las palabras, pues ambos elementos, no podrían sobrevenir sin ello.

Observamos, además, que a partir del encuentro de Heidegger con la poesía de Hölderlin y la de los otros poetas mencionados, se produce una ruptura, inscrita como un giro (*kehre*) en su pensamiento, la cual pone el diálogo como base del habla entre nosotros, tema que abordo en el texto al cual nos referimos en la sección anterior. El *lenguaje-en-poema* nos abre el mundo en el cual se instaura el ser (el mismo del lenguaje), cuestión que repasamos en el texto *"A camino del habla"*.

El mundo, sin embargo, no se apertura de “forma esencial”, ante nosotros, sino es a través de la poesía, pues existen muchas otras cosas en la realidad mundanal, vista en sentido lato, que traen a la luz esa realidad enigmática del ente, una de ellas sería la intuición artística, que puede ser equiparada a la poesía, pero de forma mucho más general.

Heidegger argumenta muy bien, que *la poesía es la realización general de toda forma artística*, preeminente en ellas, pues como umbral de todas las épocas históricas, posee carácter de *Paidéia* (de acuerdo a la clásica concepción helenística que se refiere a una “cultura universal del espíritu”), que irrumpe en el ser del lenguaje, accediendo a todo lo que le intercepta con el pensamiento.

Es muy difícil sostener junto con Heidegger, que todas las formas artísticas (arquitectura, escultura, música, pintura, etc.) son originariamente poéticas y que esta tenga prioridad sobre cualquier otra, pues como él mismo afirma, es una rareza y sus más bellas expresiones, no se manifiestan en todos los momentos de nuestra historia y como todas devienen del clarear de una "*forma poética primordial*" [*Urpoesie*], el decir poético, es una de las tantas grandezas inaugurales del arte que irrumpen en el mundo.

Es cierto que en la obra poética, se libera una forma de lenguaje que habla por sí misma y se dirige a todos por igual (suponiendo que la poesía es en realidad, un bien de toda la humanidad) proponiéndonos una escucha esencial, sin embargo, muy pocos captamos el sonido de sus palabras, a través del franqueado espacio de apertura de su decir, pues muy pocos nos interesamos por entender esa idea y es muy cierto, que los verdaderos poetas, lo experimentan a través de la "agonía de sus palabras".

La poesía y el pensamiento sobre ella, así como el lenguaje y sus manifestaciones, son muy importantes para la fundamentación filosófica de Heidegger, pues poseen cabida y son objeto de discusión en todos los campos y ámbitos de su interés. Una de las cosas más importantes que Heidegger rescata a partir de su reflexión en torno a la poesía de Hölderlin, es según mi opinión, la idea de finitud humana del *Dasein* y aquellos sujetos que se oponen a las contradicciones del lenguaje, pues por un lado, es un "juego inocente" que se hace con palabras y por el otro, una ocupación o bien peligroso, que manipula el lenguaje, junto con su apertura, en su velamiento con la verdad y la no verdad.

Es totalmente válido afirmar que el lenguaje es un bien peligroso que está a nuestro alcance, puesto con él, podemos hacer mucho daño a nosotros mismos y a los demás, el mal uso de la palabra es siempre un mal de la humanidad a partir de que en ello, está en juego nuestra lealtad para con la verdad y la no-verdad, nuestra aperturidad al claroscuro del mundo o la luz del clarear.

Existe una predominancia de la técnica en los tiempos modernos, de la cual depende en gran medida, el olvido del ser de la metafísica occidental, sin embargo, gracias a ello, podemos hacer una experiencia del arte como *poner en obra la verdad* y ver la poesía como una "*técnica de la vida*" que nos permite habitar de forma esencial sobre esta tierra y tomando al arte y su experiencia como una forma de obrar y hacer, es necesario que este sea esencial para la construcción de nuestro mundo. Visto de ese modo, tanto el arte como la poesía al igual que la técnica, son medios de "salvación" que nos conducen a lo esencial del ser. Por ello, la poesía no es una posibilidad de lenguaje; sino el lenguaje mismo, pues desde su forma original, ella misma "*posibilita por primera vez el lenguaje*" no es posible sin ella, pues son elementos unificados.

El lenguaje no puede ser mera expresión oral o escrita de lo que debe ser comunicado, sino más bien aquello "que conduce el ente como ente al estado de manifiesto" (Heidegger 1980, p 62), no puede, sin embargo, ser conducido a ese estado, sin proyectarse antes en una forma del decir (*sagen*), que ya es poética. Es muy importante esa nueva forma de conceptualizar el lenguaje, pues en ella, lo fundamental no es lo que comunica, sino más bien, lo que trae a la luz, en este caso, la verdad del ente, su des ocultamiento y su aparecer en el mundo, esta "verdad", no podría advenir a nosotros de otra modo, pues como poseemos una conciencia limitada respecto a las cosas esenciales del mundo y como nuestro lenguaje degenera, nuestro decir también.

Si la esencia del arte es poética, instauro la verdad, de tres modos primarios, en primer lugar como un don, que sería su sentido inaugural, luego como una fundación, pues inaugura siempre algo, es decir, la latencia del destino histórico de todo pueblo y su comienzo, pues origina algo inédito, algo nuevo que principia, *"Siempre que el arte sucede, es decir, cuando este comienzo, se produce en la historia una sacudida y ésta inicia o se reanuda"* (Heidegger, El origen de la obra de arte, página 88), el arte es una novedad y le necesitamos para poder ser partícipes de la verdad de las cosas que nos permanecen ocultas, esa develación, sin embargo, no es tan diferente de la que se da a través de la ciencia.

Debemos mencionar además, que existe una diferencia notable, entre el concepto de lenguaje que usa Heidegger en *Ser y Tiempo* y del cual nos habla en estos textos menos conocidos, en aquel, se encuentra insertado en la realidad del ente como un desocultar, en esa primera fase, podríamos decir que elabora una ontología fundamental, cuyo esfuerzo se concentra en analizar el ente que nosotros mismos somos como *Dasein*, definiendo el habla, como una de las estructuras constitutivas del ser de ese ente a partir del horizonte de la temporalidad, sin salir de él, analizando principalmente la manera como el ser se decanta en el tiempo que sería hasta ahí, su único horizonte, debemos registrar por tanto, la presuposición de su investigación (el *Dasein* es el ente que comprende el ser, en eso se distingue de los demás entes) que resultó ser en las páginas de *Ser y Tiempo*, su ontología fundamental, el análisis de la poesía es también ontológico, pero en miras de algo mucho más esencial.

REFERENCIAS

a) Obras de Martin Heidegger

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Traducción de Marcia Sá Cavalcante Schuback. – Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

_____. **Carta sobre o humanismo**. 2º ed. rev. Traducción de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro - 2005, Título original: Lettre sur l'humanisme.

_____. **Ser e Tempo**. Traducción de Marcia Sá Cavalcante Schuback, 13ª edición, Editora Vozes, Universidade São Francisco, 2005.

_____. **Hölderlin y la Esencia de la Poesía, en Arte y Poesía**. Traducción y prólogo de Samuel Ramos, Fondo de Cultura Económica México y Fondo de Cultura Económica de Argentina S.A Primera reimpresión Argentina 1992.

_____. **Caminhos de floresta**. Coordinación científica, edición y traducción de Irene Borges-Duarte, llevada a cabo como parte del proyecto "Heidegger en português, Investigación y traducción de la obra de Martin Heidegger", basado en el Centro de Filosofía de la Universidad de Lisboa y financiado por la Fundación para la Ciencia y Tecnología (PRAXIS / PIFILI130341 programa de 1998), edición de la Fundación Calouste Gulbenkian, 1998.

_____. **A origem da obra de arte.** Traducción de María da Conceição Costa, revisão de Artur Morão, Temas 70 Ltda, Lisboa Portugal, reimpresión de la edición de 2014.

_____. **Ensaaios e conferências.** Traducción al portugués de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback, 8ª edición, Petrópolis Vozes, Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco (Colección Pensamiento Humano), 2012.

_____. **Los himnos de Hölderlin “Germania” y “El Rin”.** 1ª. Edición, -Buenos Aires: Biblos: Biblioteca Internacional, Martin Heidegger, 2010, Traducido por: Ana Carolina Merino Riofrío.

_____. **Aclaraciones a la poesía de Hölderlin.** Versión al castellano de Helena Cortés y Arturo Leyte, Alianza Editorial, S.A., Madrid, 2005.

_____. **Língua de tradição e língua técnica.** Traducción de Mário Botas, título original: *Langue de Tradition et Langue Technique*, director de la colección: José A. Bragança de Miranda, Vega Passagens, 1ª edición, Lisboa Portugal, 1995.

b) Obras sobre el pensamiento de Martin Heidegger

ROMERO AYALA, Salvador Krsnaly. **Verdad y Ereignis en el pensamiento de Martín Heidegger: La idea del Ser y la Verdad en el segundo Heidegger.** Verlag: Editorial Académica española, ISBN: 978-3-639-53957-8, ICS Morebooks! Marketing SRL, Saarbrücken, Sarre, Alemania, 2017.

DUBOIS, Christian; **Heidegger: Introdução a uma leitura.** Traducción de Bernardo Barros Coelho de Oliveira, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

NUNES, Benedito. **Hermenêutica e poesia: o pensamento poético.** María José Campos (organizador); Belo Horizonte: Ed UFMG, 1999.

YOUNG, Julian. **Heidegger's Philosophy of Art.** The Pitt Building, Trumpington Street, Cambridge, United Kingdom, 2001.

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica da Obra de Arte.** Selección y traducción de Marco Antonio Casa nova, Editora WMF/Martins Fontes, São Paulo, 2010.

ZARADER, Marlene. **Heidegger e as Palavras da Origem.** Editor: Instituto Piaget (Brasil), 1998.

INWOOD, Michael. **Dicionário Heidegger.** Traducción de Luísa Buarque de Holanda; revisión técnica, Marcia Sá Cavalcante Schuback. –Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTORIA DE LA FILOSOFIA

Por decisão do Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFPR, o aluno deverá atender as solicitações da banca, quando houver, e anexar este ao final da dissertação/tese como versão definitiva aprovada pelo orientador, que neste momento estará representando a Banca Examinadora.

Curitiba: 27/06/2018

Prof. Dr. WALTER R. MENON J. Assinatura: WALTER R. MENON J.

